

CONTOS E POEMAS VOL. IV  
**ASSOMBROSOS**



**ADEMIR PASCALE**

ORGANIZADOR

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
Este e-book é parte integrante  
da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068  
2021  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

O desafio do terror, por André C. R. Martins, pág. 05  
Sonhos macabros, por Cecília Torres, pág. 13  
A bruxa, por Clarissa Machado, pág. 18  
Drácula, por Clarissa Machado, pág. 20  
Arrependa-se antes que o dia termine, por Cristiano Viana, pág. 22  
História para não dormir, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 30  
Lenôra, por Fábio De Bari, pág. 34  
O encourado e a marca do mal, por Ícaro Uriel Brito França, pág. 39  
A saideira, por M. Cavarzan, pág. 46  
Enquanto você me enterra, por M. Cavarzan, pág. 49  
Maria Rosa, por MFortes, pág. 51  
A vingança do capiango, por Ney Alencar, pág. 55  
O povo que mora embaixo das geladeiras, por Ney Alencar, pág. 60  
O segredo da caixa de ferro, por Ney Alencar, pág. 63  
Em um globo de vidro, por Roberto Schima, pág. 69  
Conheça outros títulos da coleção, pág. 79

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale  
E-mail: ademirpascale@gmail.com

**VISITE:**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)**  
**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**





*Há pesadelos para quem dorme de forma imprudente.*

— Conde Drácula, Bram Stoker



APRESENTAMOS O CONTO

# O DESAFIO DO TERROR

Por André C. R. Martins

**Sobre o autor: André C. R. Martins é físico e pesquisador na área de Sistemas Complexos, com especial interesse em questões sobre como opiniões são aceitas ou não e se propagam, modelos de racionalidade e evolucionários. Mais recentemente, começou a se dedicar a escrever contos.**

**A**ufea não olhou quando Diogro abriu a porta e entrou no aposento. Ela não se moveu, não notou — ou fingiu não notar — a chegada da criatura. Tal falta de reação era normal quando Diogro, ou um de seus fantasmas, se aproximava de uma pessoa. Diogro não era exatamente um fantasma, ainda tinha algo como um corpo. Mas movia-se como um fantasma e permanecia nas sombras quase por instinto. E, no entanto, não ousaria supor que Auefa não sabia que chegara. Ela sempre sabia. E claramente não estava satisfeita com ele. Diogro falhara e ela tivera de chamar alguém melhor. Aquela falha teria um preço. A parte menor do preço era esperar ali, sem saber o que aconteceria mais tarde. Saiu silenciosamente da frente da porta depois de fechá-la e ficou em pé, ainda perto da saída, esperando. Ele não ousaria fugir. Mas sentia-se um pouco menos apavorado perto de qualquer caminho que o levasse longe dali. Bem pouco. Mas era um começo.

Enquanto esperava, pensou sobre o que poderia ter feito diferente. Começara como um trabalho simples, mais um pobre coitado que ele tinha de assustar. A vítima chamava Carlo. Como sempre, Diogro e seus fantasmas tinham a função de deixá-lo tão apavorado, tão tomado pelo terror, que ele enlouquecesse. Pura rotina. E sim, alguns casos eram mais difíceis e precisavam do seu melhor pessoal, mas, no final, quase sempre tinham sucesso. Não era a primeira vez que falhava, acontecia uma vez a cada década, talvez. E nunca era agradável passar pelas punições que Auefa lhe prescrevia. O que o preocupava mais é que ele tinha tido um caso de falha há apenas um ano. Ela lembraria bem demais de sua falha anterior e ele não gostava de pensar naquilo. Já tinha toda a explicação pronta, que fizera tudo certo, como mandavam os livros, que, no final, tinha até mesmo enviado seu melhor fantasma para assombrar Carlo. Diogro tinha de tentar explicar. Não achava que faria qualquer diferença. Mas, ao menos, precisava dizer que não cometera erros. Se não para minimizar sua punição, ao menos para sua própria autoestima.

As instruções com nome e endereço, casa e trabalho de sua vítima, haviam chegado há pouco mais de um mês. Nenhum aviso sobre se tratar de um caso especial. Ele certamente ia dizer isso a Auefa, vítimas mais difíceis deviam ser avisadas, de acordo com o protocolo padrão. A carta não dizia nada. Apenas os detalhes mais básicos, para ele saber onde mandar seu pessoal. Uma pequena folha padrão, dentro do envelope acinzentado e com estranhos símbolos a volta, tão pequenos que pareciam apenas uma linha se vistos da distância normal de leitura. Nada de especial. Porque ainda enviavam

cartas e não usavam e-mails era algo que ele vinha se perguntando. Mas as regras de seu serviço não eram alteráveis, acabava lembrando. Exceto quando alguém como Auea resolvia que elas eram alteráveis. Para ele, pobre Diogro, nunca.

Trabalho normal, sem cuidados especiais, se faz com fantasmas normais, sem talentos especiais. Enviou um qualquer, e nem se lembraria quem se tudo tivesse transcorrido normalmente. Malafus era um condenado recente, morto não tinha três anos e não gostava de trabalhar. O tipo certo para pessoas normais, que, só de verem um fantasma, já entram em pânico. Nem mesmo atravessar paredes enquanto visível o vagabundo tinha conseguido aprender, precisava se desmaterializar por completo para sair de um quarto fechado. Mas era feio o bastante e tinha prazer quando realmente assustava alguém. Talvez, em algumas décadas, se tornasse um trabalhador mediano do terror.

Retornara em três dias, assustado, sabendo que seria repreendido. Nada que se comparasse ao medo que Diogro sentia ali, em pé, esperando, mas claramente algo dera errado. Diogro logo entendeu.

Carlo não era um caso normal. Malafus havia aparecido no meio da noite, quando Carlo estava sozinho em sua casa, logo após ter desligado a televisão. Um profissional, não Malafus, teria esperado uns dias até que Carlo fizesse o mesmo após ter assistido a um filme de terror. Ou, ao menos, o noticiário político. Mas Malafus queria se livrar logo de sua obrigação, Diogro sabia, ainda que o fantasma jamais viesse a admitir sua preguiça. O tolo sequer percebera a importância do clima certo para obter melhores resultados. Carlo acabara de assistir a um documentário com belas paisagens, dificilmente uma boa escolha. Ainda assim, se a sorte estivesse do lado deles, tudo teria dado certo. Mas ela não estava.

A primeira reação da vítima fora padrão. Desconfiar de seus olhos, piscar, esfregá-los, tentar saber se ele realmente vira aquela figura translúcida com forma de uma pessoa de expressões deformadas. E, ao verificar que Malafus era real, que ele realmente o via, os olhos de Carlo haviam aberto com o susto e medo normais, pelo que Diogro conseguiu saber depois. Ele ficara com medo e levava alguns momentos para conseguir se mexer de onde estava. Depois disso, nada naquele caso fora padrão. Ainda que, naquele começo, nada indicasse que o problema seria realmente tão grande quanto se mostrara depois.

Após o choque e a perplexidade iniciais, Carlo procurara uma cadeira para sentar. Fechou os olhos e permaneceu assim por uns dois minutos. Quando abriu, pulou ao ver Malafus próximo, bem na sua frente. Mas, já no instante seguinte, balançou a cabeça.

“Você não existe,” teria dito. “Amanhã mesmo vou ligar pra minha psiquiatra.” A reação inesperada fez Malafus dar um passo para trás e Carlo ficou a olhá-lo sem dizer nada por algum tempo. Malafus teria respondido, na sua supostamente melhor voz assustadora, que ele existia, sim. Estava ali para transformar a vida dele em um inferno, ele era malévolo e Carlo nunca mais teria sossego. Tinha feito sua melhor performance.

E Carlo começara a rir. Gargalhou, por um pouco de tempo. “Eu estou mal mesmo,” teria concluído. Depois de aceitar o fato que via Malafus, percebendo que o fantasma não o deixaria dormir, começou a conversar com o fantasma. Fez perguntas sobre a vida após a morte, deixando claro que não acreditava nas respostas do fantasma, mas que aquela era uma boa oportunidade de entender melhor o que quer que seu inconsciente pensava. Perguntou sobre seus avós mortos e outras pessoas que perdera. Malafus deu algumas respostas sem convicção, não tinha a menor ideia do que acontecera com os parentes e amigos de Carlo. E foi embora, sem saber o que fazer.

Voltara dois dias depois, após conversar com fantasmas mais experientes. E, Diogro desconfiava, após passar o primeiro dia sem fazer nada mesmo. Tentou caras mais assustadoras, histórias de torturas infernais, de fogo e dor. Carlo ouviu, preocupado, mas, quando finalmente falou, foi para estranhar como parte de si mesmo poderia ainda acreditar em tanta bobagem. No dia seguinte, ele contara a Malafus, tinha consulta marcada com sua psiquiatra, que já estranhara suas alucinações. Seu caso de depressão não costumava vir junto desse tipo de coisa, era bom que ele fosse logo vê-la. Seria útil se Malafus aparecesse no consultório, Carlo disse a ele, para que pudesse descrever para sua médica aquilo que via e o que a sua alucinação dizia com mais precisão.

Malafus procurara Diogro no dia seguinte. Os demais fantasmas haviam avisado a ele que existiam casos assim mais difíceis mesmo. Se nada desse certo, ele teria de falar com o chefe. Ele relutara, os colegas de Malafus tinham reportado, mas eles haviam deixado claro que ele teria problemas bem maiores se continuasse a tentar e falhar. Diogro havia passado um sermão no incompetente, mais para própria diversão do que por qualquer outro motivo. Procurou parecer bravo e deixar Malafus em pânico, mas o vagabundo agira certo, afinal. Chamou alguns fantasmas mais experientes e pediu que eles lidassem com o caso. Ordenou que primeiro investigassem as respostas a todas as perguntas que Carlo pudesse ter. Que enviassem suas perguntas ao reino dos mortos. Se Carlo era tão cético assim, ele precisaria de provas. Senhas das redes sociais dos seus falecidos, que Carlo não poderia saber mas poderia verificar a autenticidade, eram um método novo e

basicamente infalível. Muito melhor e mais simples do que os segredos pessoais que tinham de arrancar dos mortos nos velhos tempos. E segredos que, as vezes, a vítima poderia conhecer, estragando o propósito da revelação.

Diogro instruiu que um time de três fosse já no primeiro dia para melhor efeito. Ao entender que os fantasmas eram reais, Carlo colapsaria. Podia resistir um pouco, demorar para aceitar. No pior dos casos, levaria um dia ou dois. Nunca mais do que isso.

Não foi o que aconteceu. A expressão de Carlo quando o grupo chegou foi de frustração. Ele estava torcendo para que aquelas alucinações fossem temporárias, mas ali estavam elas novamente. Novos fantasmas, e não mais um só. Suspirou e tentou ignorá-los. Mas a equipe estava preparada. Logo avisaram que vinham com provas de que eram reais, que ele poderia checar facilmente. Carlo hesitou mais do que o normal, mas acabou concordando. Abriu o computador e seguiu as instruções. E logo tinha acesso à rede social de seus avós. A informação dos fantasmas era verdadeira.

“Quem sabe eu não os vi digitando e apenas não sabia que eu tinha essa memória,” tentara argumentar. Para isso, estavam preparados. Podia ser o caso de ele ter visto uma pessoa digitar. Mas eles tinham senhas de várias pessoas, não tinha como isso ter acontecido com tanta gente e ele sequer lembrar que sabia tantas senhas. Ele concordou e os fantasmas se alegraram, prontos para começar a assombrar.

Mas o medo de Carlo não veio. E, para isso, eles não estavam preparados. Tentam suas aparições mais assustadoras. Carlo, porém, reagia como se estivesse vendo um filme. Comentara, com paciência, a qualidade dos efeitos, não apenas visuais e sonoros. O frio na pele, o cheiro nauseante, eles eram realmente bons no que faziam. Estranhamente, ele não era imune a se assustar. Ao contrário, assustava-se facilmente quando os fantasmas surgiam do nada. Seu coração disparava, ele pulava para trás, todos os seus sinais vitais indicavam que ele estava prestes a correr, apavorado. Mas Carlo acabava se recuperando, respirava fundo e sorria. Sorria! Tinha tantas perguntas, tanto a aprender. Ele nunca achara que haveria vida depois da morte e ali estavam eles. Isso era fantástico. Ele estava feliz, claramente mais animado. Os fantasmas, para ele, não eram uma ameaça.

“Não sei se vocês podem me matar, parece que não, nenhuma manifestação física mais intensa. Mas, se há vida depois da morte,” ele teria dito para a equipe logo antes de eles chamarem Diogro para ajudar, “eu não vou morrer de verdade! Posso perder esse corpo, claro. Mas isso não é um problema tão ruim se eu vou continuar.”

Diogro fora visitá-lo no dia seguinte. Ao contrário de seus lacaios, ele era sim capaz de fazer objetos se moverem. Tinha um corpo, afinal. Mas nem isso assustou Carlo. Na verdade, a cada tentativa, ele se assustava menos, acostumado com o que ele começara a chamar de efeitos especiais. Isso era um insulto e Diogro arremessou panelas na sua direção, berrou até os vizinhos reclamarem — mais uma prova de que eles eram reais — gastou tudo o que sabia. Mas o desgraçado era sagaz.

“Sinto, eu sei que vocês querem me assustar. Mas é claro que também me querem vivo, ou eu teria mais que um pequeno hematoma no braço. E, mesmo que queiram me matar, o que eu perco com isso? Sim, eu quero continuar a viver. Não sei de nenhum bom motivo para isso, mas quero. Mas vocês apenas mostraram que eu vou. Se vou viver vendo um filme de terror, paciência. Não é pior que a vida normal. É muito melhor do que só viver uma vida sem sentido, sem propósito, achando que o fim é definitivo.”

Foi esse o momento em que Diogro entendeu que, o que quer que ele fizesse ali, seria inútil. Teria de recorrer a Auefa. Ela não ia ficar feliz, mas não fazê-lo só tornaria tudo pior quando ela descobrisse. Ele a procurara um mês atrás. Ela tomara providências, chamaria alguém com um mínimo de competência, dissera. Diogro já odiava Carlo mas, ao saber que ela pedira para conversar com Torquemor, tivera pena do vivo. Sua vida viraria um inferno. Literalmente.

Torquemor tinha poderes muito além dos de Diogro. E, quando necessário, era autorizado a usá-los. Auefa, entendendo a seriedade da situação, havia dito a ele que usasse o que fosse necessário. Tinham um trabalho a fazer, a vítima não podia ficar não aterrorizada. E as histórias sobre os métodos de Torquemor eram claras. O monstro vivia no inferno, só saindo para casos especiais. Quando saía, podia levar almas de volta consigo, para um passeio de dias, experimentando fogo e tortura, dor como eles não haviam conhecido em vida. Dias no inferno, uma noite de sono no mundo dos vivos. O efeito era rápido. Se as ameaças de ir ao inferno não fossem o bastante, um passeio por lá destruiria qualquer um. Em alguns dias, Carlo conheceria o que significava o verdadeiro terror. O caso estaria logo resolvido.

Mais do que alguns dias se passaram, praticamente um mês, antes que Auefa chamasse Diogro a seus domínios. Ela recebera notícias de que Torquemor se apresentaria e Diogro deveria comparecer. A convocação não dizia, mas era claro que ele ia para ser humilhado, para saber mais uma vez que ele era apenas um chefe menor. Um gerente sem

importância. E ali estava ele, de pé, esperando, sem sequer ter sido recepcionado, quando a porta se abriu e alguém entrou.

Diogro demorou para reconhecer que aquele era Torquemor. Ele estava mais pálido, diminuído, sem o ar de medo que cercava o demônio há séculos. Nada além de uma sombra de quem fora. Auea demorou a se virar, como fizera com Diogro. Mas o chefe dos fantasmas, por um momento, sentiu um leve trepidar nela, mesmo sem ela virar, logo após Torquemor ter entrado. Como se ela já tivesse entendido o completo fracasso de seu poderoso lacaio. Ainda assim, ela esperou. E Torquemor levou mais de uma hora para ter coragem de contar o que acontecera.

“Aquele homem... ele é impossível. Ele não existe.” Torquemor mais balbuciava do que contava e ouvi-lo descrever as torturas físicas que ele havia imposto a Carlo, em detalhe mas gaguejando era uma experiência desconcertante. Mais de uma hora de tentativas de achar as palavras certas. Carlo pedira, sim, para que o sofrimento parasse. Sofrera como um ser humano normal. Mas apenas se deixara levar, sofrendo, observando. E, quando cada sessão terminava, estava abalado, como esperado. Uma hora depois, no entanto, voltava a perguntar sobre outros mundos e criaturas, sobre céu e inferno, curiosidade vencendo o medo da dor, que ainda estava lá, mas parecia não estar.

Torquemor contou, quase soluçando, que finalmente resolvera levar sua vítima a passar dias no inferno. No inferno, ele podia implantar imagens do sofrimento futuro, quando Carlo assistiria o sofrimento de amigos, parentes, descendentes de seus parentes. Ele os veria ser assombrados, assistiria àqueles que ele gostava indo para o inferno. E, enquanto isso, sofreria todo tipo de dor física.

“Mas nem isso,” Torquemor não conseguiu continuar por mais de um minuto antes de terminar sua narrativa. “Ele pediu para não ter dor. Mas o que ele me disse, eu nunca esquecerei.” A gravação de Carlo, demônios com o poder de Torquemor sempre eram monitorados, foi a única coisa que conseguiu terminar o depoimento. Nela se via a vítima. Abatido, em dor, quebrado. Tinha medo, mas não estava aterrorizado. E dizia:

“Eu não quero sofrer. Essa dor toda lá de baixo é horrível mesmo. Mas, você mostrou, não tem consequências. No dia seguinte, eu continuo sofrendo, sim. Mas não morro disso. Não morrer é o propósito do sofrimento eterno, certo? E, no fundo, até agradeço. A vida aqui como vivo, sim, meu corpo não me machuca como as queimaduras do inferno. Mas a vida nunca fez sentido, A gente se arrasta, continuando a viver, mas não tem um porquê. Exceto que prefiro ficar vivo. E você diz que, apesar de todo o sofrimento, eu vou poder ver

o como a história continua? O que será da minha família, da humanidade, como vão passar pelo aquecimento global, se chegarão às estrelas. Eu vou sofrer e muito, sim. Mas isso não é diferente de um trabalho de escritório, como o que eu tenho. Ao contrário, o meu trabalho não tinha sentido, era um enorme vazio. No inferno, vou poder assistir se a existência tem propósito. A dor física e a tristeza de ver outros sofrendo são ruins, admito. Mas tudo me parece um preço bem pequeno a pagar se eu posso viver para sempre e, quem sabe um dia, entender para que eu existi.”





**APRESENTAMOS O CONTO**

# **SONHOS MACABROS**

**Por Cecília Torres**

**Sobre a autora: Cecília Torres Nogueira nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, pós-graduada em Literatura e Língua Portuguesa pela Unip pós em Docência do ensino superior pela Dom Bosco e Gestão escolar pela Faveni, possui incontáveis publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare entre outras editoras e publicações na revista Conexão literatura.**

**A**cordou sobressaltada, havia transpirado muito. Com as mãos trêmulas mal conseguia segurar o copo d'água que se encontrava em cima do criado mudo, com dificuldades ainda lançou mãos dos óculos e vestindo o penhoir foi até a janela respirar um pouco do ar fresco da madrugada.

Novamente aquele sonho que a perseguia quase por toda a vida, em seu sonhar ela corria muito ora tropeçando, ora caindo e bem atrás dela vinha um homem alto encapuzado andando trôpego segurando um punhal em umas das mãos levantando-o ameaçadoramente desferindo golpes pelo ar o tempo todo tentando alcançá-la através de um caminho tortuoso mata adentro. A floresta era úmida cheia de pântanos e um vasto nevoeiro tomava conta do lugar confundindo as figuras que pareciam ora lobos, ora corujas, ora homens e mulheres estes últimos em círculos reuniam-se para um ritual satânico de bruxaria, ocorriam sacrifícios de animais e pessoas estranhas faziam parte da rotina daquele lugar.

O marido chegou de madrugada, havia voltado de uma viagem de negócios.

— Vamos descansar um pouco, estou exausto, amanhã teremos aquele churrasco no sítio de Sidney, lembra-se? — Vou tomar um banho e colocar o rádio-relógio para despertar cedo porque a viagem é longa desta vez eu dirijo, certo? Amorzinho. — falou Sidney sempre deixando transparecer um ar de marido apaixonado e saudoso.

O tempo estava firme, apenas o frescor da manhã, entrava pela janela do carro a música *Sunday Bloody Sunday* do U2 alegrava a viagem, eles davam selinhos rápidos para não desviar a atenção da direção e seguiam a viagem.

O mapa que Christian e Sônia acompanhavam desde a estradinha de terra apontava para que eles passassem por um pesqueiro, depois uma pousada e mais duas quadras eles encontrariam o sítio Recanto dos Patos, o local da festa. Descobriram já na entrada o porquê do nome, uma leva de patos barulhentos não paravam de grasnar logo vieram receber o casal que ao descer do carro se esquivavam com medo de levarem umas bicadas em especial de um mais nervoso do grupo que parecia ser o líder. Sônia segurava a bagagem e Christian a garrafa de vinho. Sidney veio recebê-los, a namorada dele também veio ao encontro, o sítio tinha umas dez pessoas todos hospedados em mini-chalés que rodeavam o lugar.

— Prazer, meu nome é Fabiana sou prima do aniversariante, você aceita uma bebida? A comida está em cima da mesa ao lado da churrasqueira é só se servir, sinta-se em casa e seja bem-vinda.

Sônia sorriu e pediu para ir até o banheiro foi uma viagem longa e logo em seguida ela aceitaria a bebida. Fabiana prontamente conduziu a moça até os aposentos que já possuía uma suíte, os dois se acomodaram e Sônia lavou o rosto, pois se sentia indisposta.

O casal retornou ao local da festa, havia toda uma agitação da festa sentiu-se um pouco tonta e pálida deu uma cambaleada pra trás.

— Você está bem? — Venha aqui fora quero te mostrar os arredores assim você toma um ar fresco e melhora. — Fabiana preocupava-se com o mal estar de Sônia e a conduziu até onde ficavam os cavalos numa área envolta por uma cerca. Sônia alegrou-se em ver os cavalos correndo vivamente tinha uns sete deles, o mais lindo era o preto depois um todo branco e mais outro malhado de preto e branco, ou melhor, achou todos lindos.

Mas um fato espantou Sônia dali que foi logo pedindo para voltar para o local da festa uma coruja veio pousar em cima do toco de pau que compunha a cerca mais uma vez fez com que ela se lembrasse do sonho e trêmula pediu a bebida para Fabiana que a conduziu até a área da churrasqueira.

Christian avistou a esposa pálida e foi logo perguntando:

— Você está bem? Está pálida o que te aflige?

— Bobagens, dormi mal e acordei indisposta logo vai passar — disse sem muita paciência.

Colocaram uma música animada e todos se puseram a dançar. Um dos convidados que dançava freneticamente esbarrou em Sônia que havia feito o prato de comida e mais uma vez ela entrou em desespero deixando cair a comida no chão reconhecendo o homem encapuzado que corria atrás dela em seu sonho, como o sonho repetia sempre conseguiu ver uma vez o rosto dele.

Educadamente o moço desculpou-se e pôs-se a limpar o estrago, Sônia sem jeito disse que não era nada, de imediato sentiu uma leve atração pelo moço, pois era lindo, alto, olhos verdes, corpo torneado e percebia-se que fazia academia. Parecia mais novo que seu marido que era cinco anos mais velho que ela, ele também fixou os olhos nela como se há muito tempo se conhecessem.

Foi uma atração mútua, como num amor à primeira vista, Sônia lembrou-se de seu tempo de colégio que ainda não namorava e trocava olhares tímidos com garotos que ela achava bonito, sentiu-se culpada e com remorso por trocar aqueles olhares formigantes

com um desconhecido, pelo menos na vida real, porque ele a perseguia em seus sonhos... Fabiana chegou a perceber os olhares e tratou de apresentar logo o desconhecido:

— Meu namorado Leandro — estudou na mesma faculdade que Sidney e Christian só que ele em outro curso se conheceram em um barzinho que todos universitários se encontravam para o happy-hour.

Com um sorriso mais lindo do mundo ele apertou as mãos frágeis de Sônia que rapidamente saiu desculpando-se que precisava trocar de roupa e aproveitar o sol para pular na piscina. Tentou convencer Christian para irem juntos este a dispensou por conta do jogo de cartas que ainda não havia acabado. Sônia pôs o biquíni pegou a canga enrolou nos quadris e foi até a piscina. Entrou devagar já que a água estava um pouco fria.

Não demorou muito alguém pulou por detrás dela fazendo espirrar água para todo canto. Era Leandro assim que ele emergiu pôs-se a olhar insistentemente em direção a ela que sem perceber estavam muito juntos um do outro e como ninguém estava por perto roubou-lhe um beijo, assim ela já não entendia mais nada do que estava acontecendo.

O terror que ela presenciava em seus sonhos virou outra sensação um repentino amor que ela não podia conter era até mais forte do que ela sentia pelo marido, era um amor repentino, como podia acontecer daquele jeito ainda mais com uma recém amiga que a tratou tão cordialmente, foi tão meiga em se preocupar com seu mal estra e ela ali naquela situação, adúltera e pecadora, o que fazer para segurar aquele sentimento?

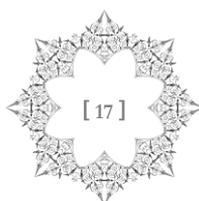
Com as faces coradas saiu bruscamente da piscina e foi tomar um banho, e essa agora? E se alguém viu? Um sentimento de medo e culpa, misturava-se com um amor repentino, que era mais forte que tudo precisava ter novamente aquela sensação tinha que viver novamente aquele pesadelo que agora era como um sonho acordado, desperto, lindo, suave, a cabeça rodopiava, como numa magia do primeiro amor.

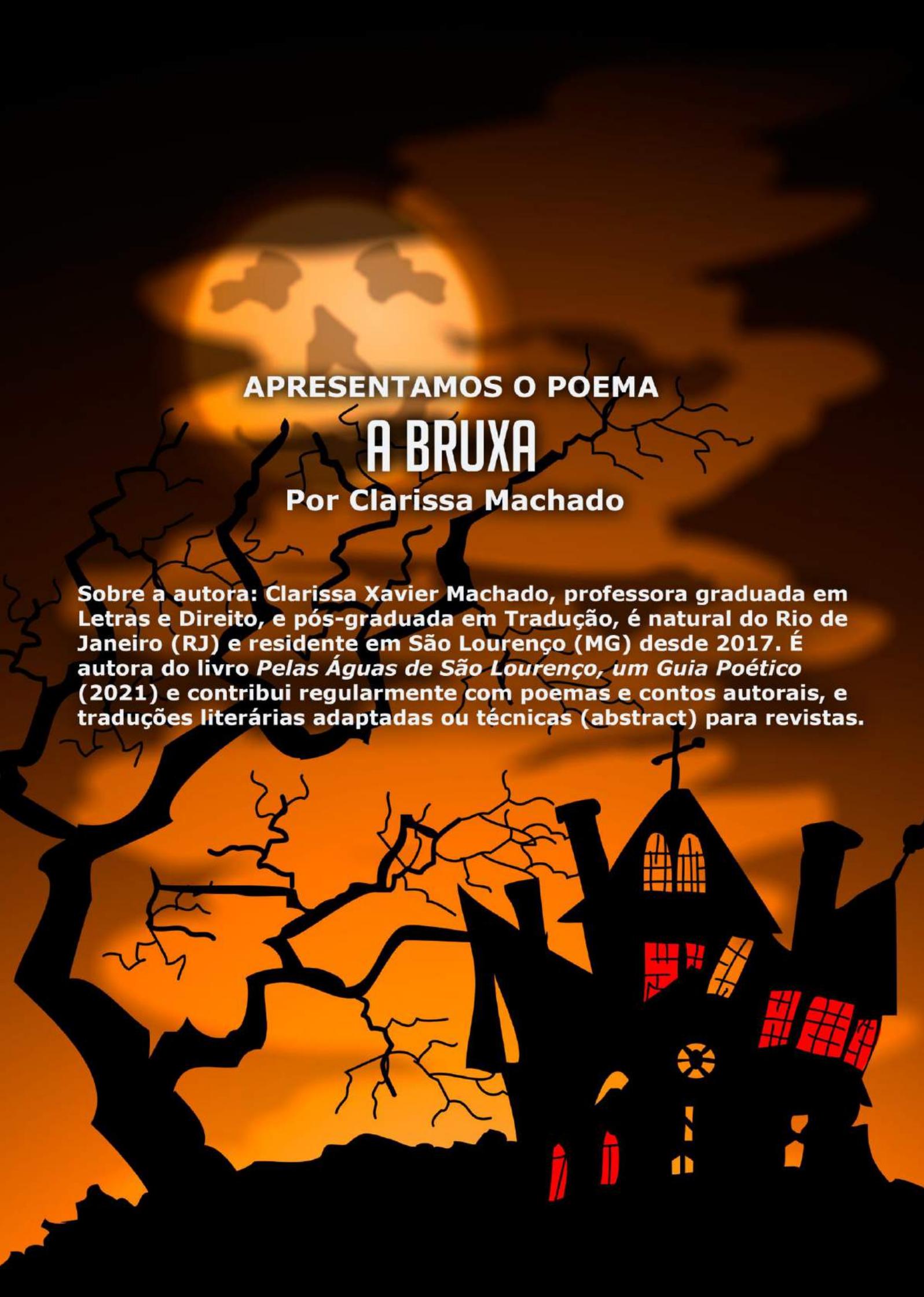
Depois do churrasco, cantaram parabéns, todos muito felizes e animados, cortaram o bolo, Sidney entregou o primeiro pedaço para a namorada Cristina, e selaram com um beijo caloroso. Todos aplaudiram, a noite chegou e todos foram para seus aposentos dormir, as crianças já haviam ido mais cedo para suas camas, Sônia e Christian um pouco distantes um do outro foram dormir, Fabiana e Leandro estavam num dos chalés bem ao lado do chalé deles, Christian cansado havia bebido muito pegou logo no sono. Sônia não conseguia dormir devido à consciência pesada. Leandro também não conseguiu dormir não parava de pensar em Sônia. Fabiana dormiu logo que se deitou havia tomado muito vinho.

O destino fez com que Sônia e Leandro saíssem para contemplar a noite porque não conseguiram pregar os olhos sem sono, novamente em silêncio eles se encontraram e foram para o celeiro próximo ao lago que estava encoberto por um nevoeiro, já dentro do celeiro tiveram uma noite de amor desigual seus corpos se uniam em volúpias.

Do lado de fora um ritual unia os convidados da festa tudo tão idêntico como Sônia havia visualizado em seus sonhos, rituais satânicos de magia esperavam corpos para sacrifícios, animais eram estrangulados e sacrificados naquele lugar, um círculo de fogo e um templo com uma mesa como um altar macabro aguardava a mais pura e incrédula criatura.

Ainda no celeiro Sônia fazia amor com Leandro com um sentimento confuso de medo e paixão, uma porta de madeira rangeu despertando a atenção do casal foi quando a traidora avistou um encapuzado idêntico como em seu sonho: era Christian este portava um punhal em uma das suas mãos...





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **A BRUXA**

**Por Clarissa Machado**

**Sobre a autora: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução, é natural do Rio de Janeiro (RJ) e residente em São Lourenço (MG) desde 2017. É autora do livro *Pelas Águas de São Lourenço, um Guia Poético* (2021) e contribui regularmente com poemas e contos autorais, e traduções literárias adaptadas ou técnicas (abstract) para revistas.**

A bruxa que sou  
Desde que nasci  
Apavorou a todos.

Medo  
Horror  
Eu, uma bruxa!

Uma bruxa que foi  
Por anos queimando,  
Por dentro, invisível.

Medo  
Terror  
Eu, sendo o que não sou!

A bruxa  
Sem rugas  
E sem verrugas.

Meio maga, meio fada  
Assustando até  
A mim mesma.

Ninguém me ensinou a ser  
A bruxa que eu sou  
Mas o fato é que...

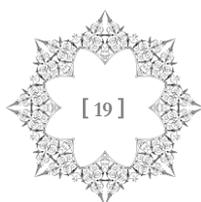
Eu nasci assim - bruxa  
A bruxa índigo-cristal  
A bruxa do novo milênio.

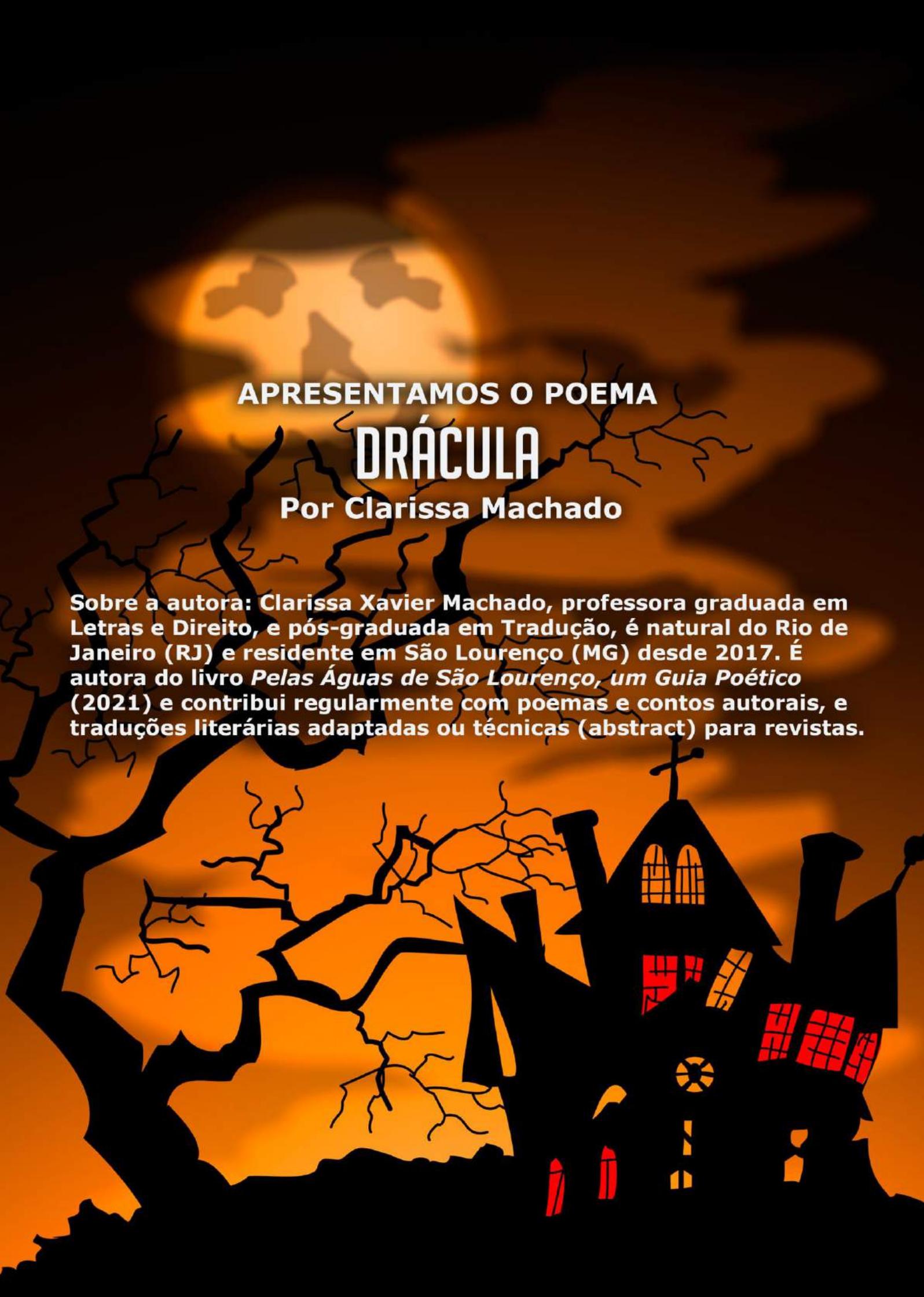
A que voa sem vassoura  
A que sabe sem saber  
E a que faz acontecer.

Sem mais  
Nem menos, só  
Um ser sobrenatural.

A bruxa que sou apenas  
Sonha o que nunca foi  
Nem sequer sonhado.

E sonho porque creio  
E por que creio:  
Eu sou...





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **DRÁCULA**

**Por Clarissa Machado**

**Sobre a autora: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução, é natural do Rio de Janeiro (RJ) e residente em São Lourenço (MG) desde 2017. É autora do livro *Pelas Águas de São Lourenço, um Guia Poético* (2021) e contribui regularmente com poemas e contos autorais, e traduções literárias adaptadas ou técnicas (abstract) para revistas.**

Frio e vazio  
Sigo sozinho em meu caminho  
Pois não há salvação  
Para o filho da escuridão.

Não existe sepulcro  
Que eu não abra  
Nem coração  
Que eu não parta.

Não há vida  
Que me socorra  
Nem estrada  
Em que eu não morra.

Não há pescoço  
Que eu não morda  
Nem cemitério  
Em que eu não morra.

Meu mundo é venal  
E minha vida é visceral  
Sou um ser imortal.

A mim, tudo é possível  
O inacreditável  
E o incrível!



APRESENTAMOS O CONTO

# ARREPENDA-SE ANTES QUE O DIA TERMINE

Por Cristiano Viana

**Sobre o autor: Cristiano Viana é psicólogo, mestre em psicologia (UEM), servidor público municipal em São José do Rio Preto, casado e pai de duas meninas (6 e 3 anos respectivamente). Trabalha com dependência química, onde aprendeu a compreender os piores temores alucinatórios das pessoas. Leitor voraz desde adolescência, gosta de escrever poesias e textos. Sempre sonhou em ser escritor e acredita que é uma forma de se sentir mais completo. Lê para as filhas desde que eram bebês e hoje não há noite de sono sem uma boa história antes de dormir.**

**E-mail para contato: [lima.crisviana@gmail.com](mailto:lima.crisviana@gmail.com)**

São Paulo, julho de 1968

O sino da porta da entrada tilintou mais uma vez naquela terça-feira, 23 de julho, sinalizando um mais um cliente na barbearia do ‘Seu Fritz’. Quando logo numa terça pela manhã já atendia seu segundo cliente era sinal que o dia renderia. Acostumado aos clientes de sempre da vizinhança, como Roberto Valey, Inácio Augusto — o Bisa — o Pedro, Criva e até o Jeto e os filhos, aquele cliente de sobretudo era algo inédito. Com o bigode grosso, pele esbranquiçada e cabelos bem grisalhos, o cliente verdadeiramente não era brasileiro.

Mas ao encará-lo novamente, um pavor gélido percorreu sua espinha inteira. Ele conhecia aquele sujeito. Mas não o via a mais de 25 anos. “Não pode ser. Isso é impossível” — disse Fritz para si mesmo. Como que escutando seus pensamentos, o sujeito apenas o fitou e meneou o dedo indicador em sua direção, como que encontrando o que viera buscar. Com um sorriso irônico, saiu sem dizer uma palavra. Fritz ficou ali, imaginando porque seu passado havia acabado de invadir sua barbearia, tantos anos depois.

Alemanha, 1945

Arnulf Heinz Ambroiüs, como um leal *leutnant* (segundo-tenente) ao Führer, sempre se orgulhara de ser obstinado e frio ao tomar suas decisões. Mas agora, perdida a guerra e tendo que fugir clandestinamente em um navio latino, já não tinha tanta certeza assim. Havia conseguido rápida progressão como soldado e aprendera cedo a entorpecer seus afetos diante do sofrimento que causava para outras pessoas. “Era para a *tolle Sache* — a grande causa” dizia para si. Contudo, apesar de esconder e soterrar cada afeto, Arnulf conseguia lembrar-se do rosto de cada uma das pessoas cujas sessões de tortura e morte participou. Achava que era assim com todos outros soldados mas guardou isso para si.

Agora, nesta *ratline* em direção à América Latina, provavelmente Argentina ou Brasil, pretendia enterrar este passado e esquecer cada lembrança. Acreditava que se vivesse outra vida — inclusive com outro nome — poderia repetir tanto para si mesmo, tanto, que aquele passado deixaria e existir. Se havia culpa, dizia para si mesmo, era apenas obedecendo ordens.

Enquanto o navio seguia mar adentro deixando a Europa para trás, Arnulf imaginou que seus pecados estavam expiados e a chance de continuar vivo era uma prova das divindades que poderia ter uma vida nova.

São Paulo, agosto de 1968

Desde que vira aquele sujeito, uma semana antes, Fritz não dormia direito e imaginou que estava sonhando ou algo parecido com um pesadelo acordado. Estranhamente, a partir daquele encontro, a memória de Fritz passou ter vida própria invadindo sua mente todo momento: as pessoas que ele participara das torturas, que fora indiferente diante do terror da morte iminente e dos rostos suplicando misericórdia. E o mais bizarro era, repentinamente, passar a se lembrar dos nomes de cada uma de suas vítimas que lhe suplicavam pela vida:

Heidi — torturada com um tiro na mão antes de entrar na câmara de gás; Rudolf, teve os filhos, que já haviam perdido a mãe, arrancados dos braços e ver até o filho mais novo, de 6 anos, ir para campos de concentração para jamais vê-lo novamente. Naquela noite, Arnulf (ou Seu Fritz) lhe fizera a crueldade de detalhar a morte dos seus filhos e lhe oferecer uma corda para se enforcar; Fritz (de quem herdada o nome fictício) e Bertha, foram jogados num formigueiro após serem torturados e dados como mortos; O pequeno Hermman, que de pequeno não tinha nada, mas foi forçado a trabalhar até a exaustão, morto porque não conseguiu correr para acompanhar a escolta do Führer que havia chego.

Cada rosto invadia sua mente incessantemente ao mesmo tempo em que a bile lhe subia à garganta. Naquela sexta-feira, 02 de agosto, seria o dia sem fim.

O sino da porta pareceu tilintar uma vez e, ao ir atender, Seu Fritz parou de chofre. Se alguém o visse agora, diria que estava contemplado apavorado a própria morte. Em pé com a porta já fechada estava uma jovem estranhamente familiar. Quer dizer, idêntica à jovem que havia participado de sua morte 24 anos antes, fazendo-a trabalhar com fome até a exaustão: Martha. Exatamente como estava a última vez que a viu. A mulher, pálida, esquálida, o fitou sem dizer uma palavra e, apontando-lhe o dedo indicador como quem quisesse dizer “você me desapontou” ou algo assim. E com um breve sorriso cínico, agora parecendo empoderada, fez Seu Fritz se assustar e tropeçar no pé da cadeira de barbear ao andar para trás. Quando Fritz se recuperou, o que custou menos de um segundo, olhou

novamente viu somente a porta fechada. Sequer escutou os sinos caso a jovem tivesse saído pela porta. — “Devo estar cansado”.

Naquele resto de dia, estranhamente não apareceu nenhum outro cliente e, logo no final do dia, quando foi ao banheiro logo antes de fechar a barbearia, ao voltar viu alguém que o aguardava já sentado na cadeira de barbear. Assustado, sequer olhou para o sujeito.

— Me desculpe senhor, mas já vou fechar.

— Ora, não se preocupe Arnulf..... você me disse para procurar você no inferno.

Eu vi te levar para lá.

Assustado, Fritz, ou Arnulf, encarou o que parecia ser Rudolf, de quem arrancara os filhos, testemunhara falsamente suas mortes e incentivou o suicídio. Mandando ele para o inferno, Rudolf gritava de ódio. Na ocasião Arnulf o desafiara a encontrá-lo lá.

Quando tentou correr, sua porta estava trancada e não encontrou a chave nos bolsos nem na gaveta que costumara deixar. Rudolf, calmamente, se levantou da cadeira foi em sua direção.

— Arnulf, Arnulf, calma. O que eu posso fazer a você, morto como estou. Quer dizer, estou mesmo morto?? — enquanto falava, Rudolf parecia calmo, frio. Arnulf, por sua vez, passou ameaçá-lo:

— Não chegue perto de mim! Estou avisando, tenho uma arma — disse pegando uma tesoura no balcão.

— Arnulf, chega de mentiras. Achou que fugindo do país e do seu passado seu legado seria esquecido? Você fez isso. Olhe meu pescoço — quando abaixou a gola, o pescoço estava com a pele machucada, roxa e estranhamente mais alongado.

— Socorro!!! *Hilfe... für di Liebe Gottes*, pelo amor de Deus — e dobrando a maçaneta da porta, viu que estava novamente aberta e Arnulf saiu correndo. Como já era 18h, o dia já estava escurecendo naquela época fria do ano em São Paulo. Ao sair para a rua gritando, transeuntes estranharam aquele pacato homem de seus 45 ou 50 anos. Os que o conheciam ficaram ainda mais espantados pois ele não era destas maluquices, embora fosse reservado quando tratava do seu passado.

— O que foi seu Fritz, porque o grito? — perguntou o Seu Mané do bar próximo.

— São eles... quer dizer, foram vocês que pregaram esta peça??

— Que peça? Do que o senhor está falando?

— Ela... eles começaram a reaparecer... *mein Gott*.

— Eles quem? Desembucha homi!!

Olhando para seu Mané e demais homens do bar, percebendo que estavam lhe estranhando e até se divertindo com a situação, Arnulf saiu correndo rua acima, em direção ao seu sobrado. Quem o visse, o teria por um louco, olhando para trás e desconfiando de tudo e de todos.

Duas quadras antes da rua que dava para sua casa, passando por uma praça com uma grande árvore de sete copas, Arnulf viu algo encostado no tronco da árvore. Como tinha que passar por ali, virou o olhar para não ser tomado de pavor. Quando chegou em frente a árvore, escutou tosses, quase grunhidos ou gorgolejos.

“Não vou olhar, não vou olhar” dizia Arnulf para si mesmo. Mas a curiosidade, sendo sempre mais poderosa que o temor, o fez mirar e viu alguém tentando respirar, tossindo sem parar. Quis seguir mas escutou seu nome sendo chamado no meio de espasmos e engasgos.

— Arn.... Arnulf seu desgraçado ... groaf groaf — dizia a voz de uma mulher — não consigo respirar até hoje — enquanto falava, um eructo seguindo de uma bola de baba branca, espumosa saiu da boca da mulher que agonizava. Sua pele, pálida e sua roupa suja foram encharcadas com aquela gosma e, com uma bolha de ar ainda saindo de sua boca disse — você não vai dizer nada??? Não sente nenhuma culpa?? Olhe pra mim seu desgraçado!!! Olhe pra mim!!!

— Heidi??? Eu me lembro de você!! mas você está... era pra estar morta!!

— Morta?? Eu?? quando??... ah, estou me lembrando. Você me colocou naquele galpão fechado com dezenas de pessoas espremidas .... e daí veio a fumaça, aquele gás e passamos a tossir, vomitar... a última coisa que me lembro era seu olhar por uma portinhola, antes de ser fechada. Seu verme *verdammst nochmal*, maldito!! Em cada grito de Heidi, outro som de gorgolejo seguido de catarro e espuma branca saindo pela boca. Como que ainda pedindo ajuda, levantou a mão em direção a Arnulf — *Hilf mir*, me ajude... groaffff.

Arnulf saiu correndo e ao entrar em outra viela em qualquer direção longe dali, Arnulf agora se depara com duas pessoas caídas ao chão, num grande monte de terra avermelhada. Ao se aproximar, escutou pequenos estalidos como que fogo crepitando, mas não havia fogo, o que haviam eram folhas ao chão em volta dos dois vultos e, sobre tudo, haviam formigas. Milhares de milhões de formigas. Naqueles crepitares de formigas

andando, devorando tudo que havia ali, Arnulf identificou Bertha e Fritz — o verdadeiro Fritz.

— Seu desgraçado, mate-nos de uma vez. Basta desta tortura, seu canalha, seu... *feigling* covarde — Ele e Bertha, estavam com hematomas roxos e pedaços de pele ausentes, carcomidos em alguns pontos até a rótula do joelho. Nos pés, eram possíveis identificar as falanges com resíduos de carne e formigas devorando. Cada vez que uma nova formiga fechava seu ferrão sobre a carne, Bertha gemia baixinho, como que esgotada de tanto suportar a dor. Ela tentou se levantar e foi em sua direção. Arnulf estava paralisado de medo e, tremendo, urinou-se na roupa.

— Arnulf — disse a mulher — por que você fez isso? Como pôde ser tão mal? Tão... *böse*? Você sabe onde estão nossos filhos? — Paralisado, com ânsia de vômito pela visão que tinha diante de si, não entendeu a pergunta. Bertha repetiu em tom de ironia — Você sabe, não é?

— Eu... é... eu não... quer dizer... eles... — Arnulf não conseguiu olhá-la, mesmo a tendo sob seus pés. Não era apenas medo ou incredulidade, mas algo como remorso.

No instante que tentava responder, Bertha estendeu as duas mãos juntas em forma de concha, como que segurando uma porção de água, porém o que havia ali eram formigas. Tantas quantas poderiam caber. Então Bertha, parece que sabendo que Arnulf não conseguia correr, como que em câmera lenta, se aproximou e jogou todas aquelas formigas sobre ele.

Imediatamente começou a sentir as ferroadas e a velocidade com que as formigas espalhavam-se sobre seu corpo. Gritando, parece que podendo perceber atentamente cada picada, podia sentir desejo de morrer ali. Arnulf, tão logo virou-se para correr, viu Herbert e Tom, os filhos de Bertha e Fritz, bem como todos eles, todos cuja morte havia manchado sua mão com sangue. Quantos eram, 10? 20? 30? Não saberia contar.

Conforme corria, as formigas se entranhavam por todo seu corpo, desde pés, virilha, barriga, até pescoço, orelha, etc. Entravam pelo nariz, mordiscavam o canto da boca. Parecia que se multiplicavam e a multidão no seu encalço lhe dizia que era apenas por hoje. Que se se arrependesse, seria apenas até o término deste dia que sua culpa seria espiada. Não sabia dizer quem dizia isso, mas poderia ouvi-los, todos juntos ou um de cada vez. Mas todos diziam que para ser expiado da culpa, deveria padecer até o final deste dia.

Enquanto corria e ouvia isso, se estrebuchava, se contorcia e agonizava. Às vezes parecia que as formigas paravam, mas logo voltavam a lhe ferroar pelo corpo todo. Neste momento elas começaram a entrar por sua boca e descer à sua garganta, fazendo-o estrebuchar e gorgolejar.

Não conseguindo mais correr, sentou-se ao chão para entregar-se à morte. Tantos anos fugindo dela que agora a acolheria de bom grado. Aceitava seu fim, mesmo que à base da dor. E deitando-se, agonizando e estrebuchado no chão — quem o visse agora diria que era convulsão — se entregou à dor, na esperança que, antes mesmo do fim deste dia, as formigas e a dor o rendessem por completo e a morte, em fim, o tomara pelas mãos.

Franco da Rocha, 2019  
Hospital Psiquiátrico do Juqueri

Toda primeira segunda-feira do ano, iniciava uma nova turma de residentes em psiquiatria no Hospital psiquiátrico. Com a reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial hoje haviam pouco mais de 50 pacientes internos.

Ao se aproximarem do quarto 347, os três residentes e dois médicos psiquiatras responsáveis, Dr. Gedel Francys e Dr. Fabio Guilt se aproximam do leito do caso mais inóspito dos últimos 50 anos: o paciente prontuário DAP 713-x. Não se sabia seu nome original mas ao dar entrada no hospital em 1968, era conhecido apenas por Fritz.

— O paciente 713-x, ou Seu Fritz — disse Dr. Gedel — deu entrada na tarde de 03 de agosto de 1968 com um quadro de catatonia que fora precedido por um surto psicótico agudo na noite anterior. Não se tem muitas informações pois o paciente era sozinho, não tinha histórico psiquiátrico anterior e toda informação foi trazida por uma vizinha, a proprietária do salão que ele alugava como barbeiro — enquanto falava, o tédio transpareceu nos olhares daqueles jovens e entusiasmados estudantes de psiquiatria. “Nada de interessante, como sempre”.

De repente, o paciente se estrebuchou na cama, gorgolejando e fazendo um som que não dava pra discernir se era choro ou riso.

— Como foi o surto? — Perguntou um dos jovens médicos que sequer se desculpou quando pisou no pé do auxiliar de enfermagem que estava preparando as medicações do quarto.

— Alucinações e paranoia — disse Dr Fábio — De acordo com as informações da época, sem qualquer histórico anterior ou uso de cachaça ou qualquer entorpecente da época, o ‘Seu Fritz’, num final de tarde saiu correndo de sua barbearia alegando que pessoas haviam voltado para pegá-lo. Não havia muitas pessoas na rua para atestar a veracidade disso mas algumas pessoas que transitavam ali não perceberam nada de anormal. Pelo menos é o que consta em prontuário.

Quando o auxiliar de enfermaria foi aplicar a medicação, outra agitação, gorgolejo e aquele som incompreensível.

— Não seria nada demais, só mais um caso típico de esquizofrenia catatônica crônica se não fosse por um detalhe.

Os médicos saíram do tédio ao ver que poderia estar ali uma informação relevante para eles — Qual é?? — perguntou a jovem Dr<sup>a</sup> Camila.

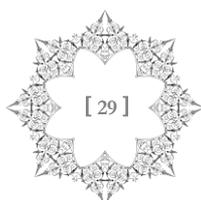
— Ele tem aproximadamente 104 anos e seus exames clínicos são absurdamente invejáveis, com se tivesse no auge dos 45 anos: pressão estável sem medicação, não tem diabetes, úlceras por pressão, tônus muscular ainda preservado, não tem nenhum problema cardíaco, gástrico, de circulação, renal etc etc.

— Uau, tá explicado porque conseguiu chegar nesta idade.

— Sim, e ainda mais: do jeito que está, pode durar ainda muitos e muitos anos. Invejável, pensaram todos.

— Vamos agora para o quarto da frente, onde temos um esquizofrênico que é excelente pintor e um paciente com Transtorno Afetivo Bipolar — e todos saíram na esperança que os próximos pacientes tivesse uma história melhor para contar. Enquanto saíam, o paciente DAP 713-x deu outra estrebuchada na cama, chorando ou rindo, como fazia várias vezes ao dia.

E o auxiliar de enfermaria o olhava com um discreto interesse. Pensava se as formigas ainda o torturariam pelos vários anos que ainda teria pela frente. Quando terminou de aplicar a medicação, o paciente 713-x, ao vê-lo tão perto, novamente começou a chorar com um som muito estanho e confuso. Em seguida, o auxiliar deixou o quarto e ao sair, picou seu ponto e guardou suas coisas no seu armário com o nome Herрман e saiu assoviando.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**HISTÓRIA PARA NÃO DORMIR**  
**Por Denise Peres Martins Rezende**

**Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia.**

**Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.**

**Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins**

**Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>**

**V**ou contar uma história daquelas que mata a gente por dentro de morte morrida. Não se assustem com a narrativa. Estamos todos vivos. Ou quase todos.

Eu moro num vilarejo tranquilo e bucólico.

Pelo menos assim o era até a senhora Parnasos chegar.

Desde que ela veio para essas bandas, trouxe um mundaréu de gente com ela. Ou quase isso.

E não é que a danada se mudou justamente para minha rua.

Tanto lugar para morar, e ela foi parar logo lá?!

E o pior é que ela comprou o imóvel. Se ela fosse inquilina eu podia ao menos reclamar com o proprietário sobre a aglomeração.

Eu e minha turma costumávamos jogar bola na rua até a lua brilhar.

Mas, agora não jogamos mais não.

Vai que aparece mais gente para o time. Eu é que não vou rejeitar os clientes dela nas nossas partidas. Deus me livre!

Aquele casarão nos causava arrepio. Não por sua aparência antiquada. Mas, sim por seus visitantes assíduos.

E a dona Parnasos chamava todos para vir. Ela não tinha pena de nós.

Os mais sensíveis podiam vê-los chegar aos montes. Uma tragédia!

Tinha gente torta, manca, com faca na barriga, com tiro na cabeça. Era encosto para todo lado!

Tinha criança, jovem, adulto e idoso.

Até que ela era simpática. Sempre dava risada quando nos via fugindo dela.

Eu não via graça nenhuma. Nem queria papo com ela.

Dizem que ela fazia uma reza brava lá dentro. Eu é que não fui lá conferir. Eu ficava do lado de fora mesmo. Cruz credo!

Tinham uns visitantes que ficavam na calçada do lado de fora. Normalmente eram os mais apavorantes. Faziam cara de mal. Tinham medo da luz que o casarão emanava. Era um medo da moléstia!

As reuniões na casa da senhora Parnasos normalmente eram à noite.

Então eu e meus amigos jogávamos bola até antes de escurecer. Quando se aproximava das 18 horas, catávamos nossas coisas e nos mandávamos de lá.

Era um dia de verão. Clima gostoso. Cigarra cantando. Cidade com decoração natalina. Nós nos distraímos e ficamos jogando bola até mais tarde.

Para que? Logo eles chegaram. Não tinha mais o que fazer.

Ele pediram para entrar no time. Tive que deixar. Quem tinha coragem de dizer não?

Foram 2 para o meu time e 3 para o outro. Fazer o que!

A bola rolava e eu só pensava em ir embora. Toda vez que eu dizia que a gente ia embora, eles não deixavam.

Dizem que quando nossos pelos do corpo arrepiam é porque passou um espírito através de nós.

Isso acontecia direto durante o jogo. Uma desgrama!

Pensei: agora já era. Vão encostar-se a nós.

Dito e feito. Quando conseguimos ir para casa, eles nos seguiram. Disseram que tinham gostado da gente.

Quase que eu digo: — *Vai gostar de outro. Já tenho amigo suficiente.*

E cadê a coragem para falar?

Tive que levar um para casa. Dar refeição e colocar para dormir.

Minha mãe nem percebeu. Deve ter pensado que eu falava sozinho.

No dia seguinte fui para escola. Quando olhei para trás ele não estava lá.

Pensei: — *Ufa, me livrei.*

Dei umas bandas por aí. Contei o que aconteceu para os amigos. Eles nem me ouviram.

Fim de tarde eu voltei para casa.

Quando cheguei a casa levei um susto. Ele estava lá atrás da minha mãe e tinha trazido mais gente torta.

Eu quis mandar eles embora. Faltou-me valentia.

Os dias foram passando e cada vez a casa de mamãe estava mais lotada.

Era arrepio o dia todo.

Eu pensei: — *Eles estão errando de endereço. A casa da bruxa Parnasos é mais a frente.*

(Pensar eu pensei. Mas, falar eu não falei).

Eles já estavam atrapalhando a casa. Era gente para todo lado. Até o banheiro estava ocupado.

Mamãe nem percebia. Tadinha! Seguia seus afazeres diários sem ver o fluxo de gente.

Procurei o João para contar a história. Ele nem me deu bola.

Passei na rua da senhora Parnasos quando escurecia. Também estava cheia.

Voltei para casa. Dei de cara com um deitado na minha cama. Reclamei para o meu velho. Ele nem me ouviu.

Eu dormi na sala decidido a resolver isso no dia seguinte.

Quando acordei não tinha jeito. Tive que ir para casa da bruxa pedir ajuda.

Cheguei lá de dia e fiquei do lado de fora esperando.

A Camila passou na rua. A chamei para contar meu caso. Ela fingiu que não me viu. Eu a tirei da minha lista de futuras esposas. — *Lambisgoia esnobe!*

Final de tarde apareceu alguém para organizar a fila. Deram senhas. Até que a senhora Parnasos era bem organizada, pensei.

Chegou minha vez. Contei meu assunto para ela. Pedi a ela que tirasse aquele povo da casa dos meus pais. Já estavam até no meu quarto. Expliquei que não quero amizade com eles não.

Ela deu risada e disse que iria comigo na casa dos meus pais na manhã seguinte. Ela pediu para que eu dormisse no casarão. Aceitei.

Tinha mais hóspedes no casarão. Ela era bem acolhedora. Eu acho que a viagem do povo de volta para casa devia ser longa e ela os deixava dormirem lá.

Mas, eu estava determinado. De manhã acordei pronto para o combate.

Chegando à casa dos meus pais, a senhora Parnasos tocou a campainha. Eu disse que era só entrar. Todavia, ela era muito educada. Disse-me que não podia invadir a casa sem a permissão dos moradores.

Meus pais abriram a porta. Ela foi conversar com eles que nem me deram oi. Deviam estar bravos, pois passei a noite fora sem avisar.

Depois a senhora Parnasos foi conversar com aquela gentalhada um a um. Ela tinha jeito com eles. Aos poucos eles foram indo embora. O povo troncho desapareceu.

Ela presenteou meus pais com velas, fosforo e um livro de prece. Eles aceitaram.

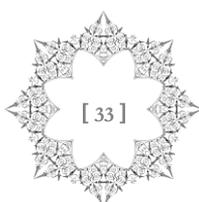
O cachorro latia para mim. Mande-o parar. Cachorro chato!

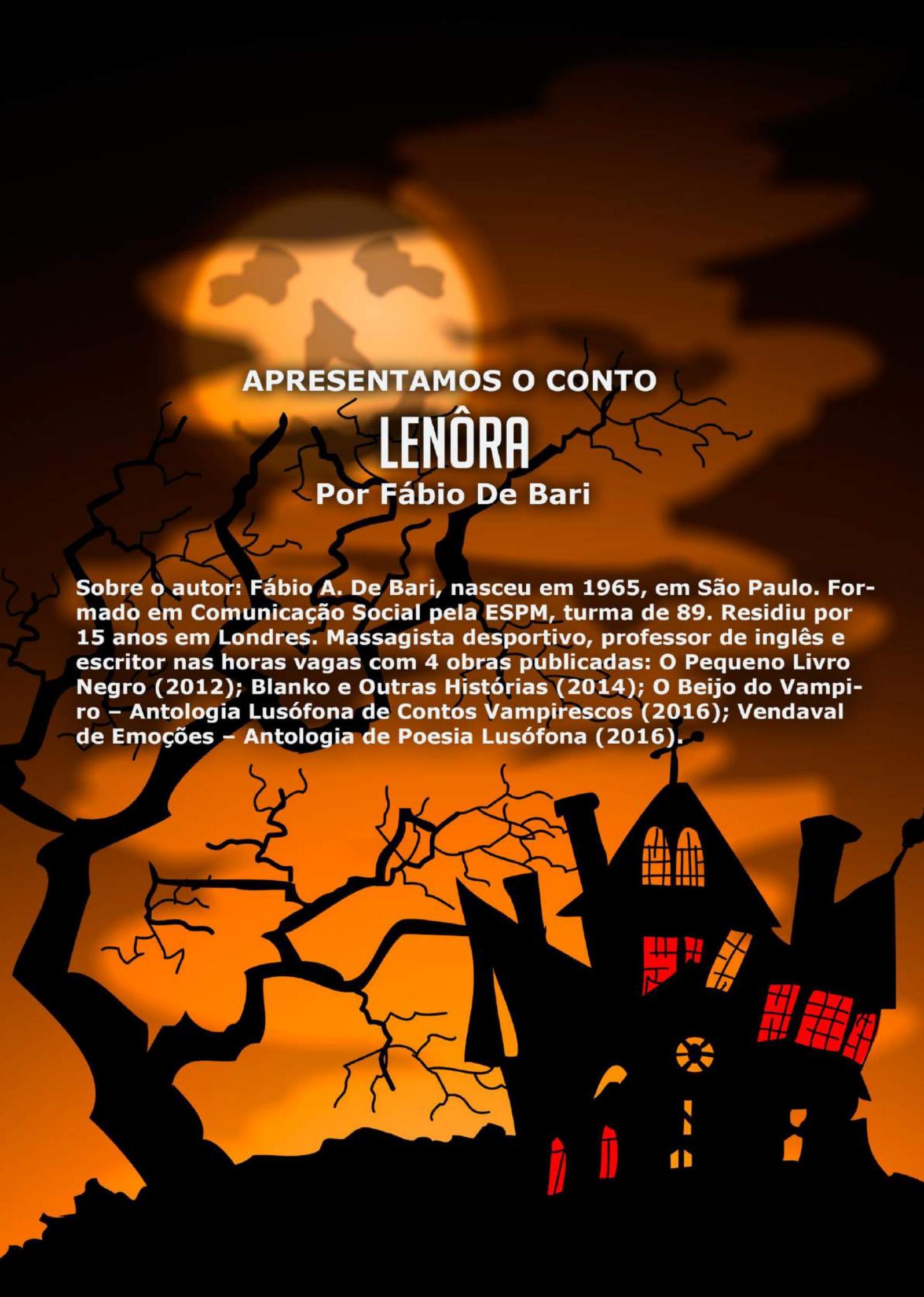
A casa esvaziou. Fiquei feliz. Ela tinha mesmo jeito para o assunto.

Fui agradecer e ela respondeu: — *Agora só falta você ir embora também.*

Meus pais começaram a chorar e rezar junto com a senhora Parnasos.

Uma luz chegou e fui puxado. Segui com o povo torto. Fazer o que. Partida no céu!





**APRESENTAMOS O CONTO**

# **LENÔRA**

**Por Fábio De Bari**

**Sobre o autor: Fábio A. De Bari, nasceu em 1965, em São Paulo. Formado em Comunicação Social pela ESPM, turma de 89. Residiu por 15 anos em Londres. Massagista desportivo, professor de inglês e escritor nas horas vagas com 4 obras publicadas: O Pequeno Livro Negro (2012); Blanko e Outras Histórias (2014); O Beijo do Vampiro – Antologia Lusófona de Contos Vampirescos (2016); Vendaval de Emoções – Antologia de Poesia Lusófona (2016).**

**E**stou perdido em um longo corredor que desaparece nas trevas. Nunca chego a me importar com o fato de não saber onde ele vai dar, desde que a presença de um homem encapuzado, obstruindo o caminho, chama a minha atenção. A chama de uma tocha na parede lhe empresta uma aura angelical e revela alguns meros detalhes da sua aparência: seu manto negro que se confunde com a escuridão do lugar, a barba branca que lhe cobre o queixo e descansa sobre o seu peito volumoso. Eu sigo em frente sem nunca o perder de vista, o que não é muito difícil de fazer uma vez que ele não se move em momento algum. Quando me encontro há poucos metros da ameaça que a sua presença representa, um ruído inusitado me faz desviar o olhar por um instante. E, quando volto a focar no corredor, apenas a tocha permanece no mesmo lugar. O funesto, não mais! Então, uma sensação de pânico, um frenesi de mil borboletas, começa na boca do meu estômago e vai lentamente tomando conta do meu ser... Até que dedos longos e frios, como um par de garras sinistras, descendem pesados sobre os meus ombros, causando-me dor excruciante. De repente, do nada, surge a criatura salivante que me encara com olhos sanguinolentos. Antes que eu tenha tempo de me defender, ela se lança sobre mim e crava seus caninos avantajados no meu pescoço. Sangue jorra em todas as direções, meu sangue, ouço os gritos, meus gritos, mas, surpreendentemente, não há dor nas suas investidas. Tento lutar pela minha vida, empurrá-la para longe, mas não tenho forças para cessar o ataque. Depois de satisfeita, a criatura se despede com um guincho de arrepiar a alma e desaparece por cima da minha cabeça. O movimento das suas asas faz a chama da tocha esticar até não poder mais... tremelicar... e se apagar.

Noite após noite, sou torturado, sem piedade, pela memória sórdida do ataque que me condenou à danação eterna. Somado ao eco dos gritos retumbantes das minhas vítimas e a expressão de horror nos seus olhos cheios de desesperança, o pesadelo, que me assola no ostracismo do caixão, não me deixa esquecer a criatura horrenda que me tornei.

Sinto-me doente o tempo todo. Carrego o peso do mundo nos ombros, mas não tenho tempo para me importar muito com isso, pois estou condenado a continuar no caminho que o destino reservou para mim. Não poderia trilhar outro, poderia? Não, uma vez que fui sequestrado por um aguçado e avassalador instinto primitivo de autopreservação. Enquanto minha pele resseca e se torna da cor de areia, o nó na minha garganta e os ácidos gástricos do meu estômago me dizem que a temporada de caça está aberta. O ar encontra-se abarrotado com o doce aroma de donzelas virgens. E isso me deixa louco!

Assim fecha-se o círculo, quando a presa se torna o predador voraz que a subjuguou.

Tenho fome de viver!

\*\*\*

Para os aldeões, as nuvens carregadas no horizonte representavam bem mais que o fim dos tempos conturbados. Logo a lembrança dos dias terríveis que se abateram sobre os vilarejos ao longo dos Cárpatos seria lavada dos paralelepípedos pela enxurrada. Muito em breve a recordação dos meus atos tornar-se-á uma distante lembrança e destinada ao esquecimento. Uma vez que os rios estiverem abarrotados de peixes, as florestas tornando-se mais verdes e mais densas do que nunca e as criações engordando no pasto, ninguém se atreverá a estragar o humor nas rodas de amigos cutucando o passado.

Mas o que eles não sabiam, aliás, ninguém sabia, era que quanto mais a região era castigada por chuvas pesadas e persistentes, mais a água penetrava no solo para germinar sementes que logo se transformariam em raízes totalmente dedicadas a dar continuidade à sua existência medíocre. Uma dessas, durante a sua trajetória, entrou em contato com o sangue nobre do conde utilizado para fertilizar a terra. Desse encontro, retirou toda a energia que precisava para continuar rumo à superfície. E, quando despontou no solo árido, cresceu até tornar-se um tronco alto e magricelo, desprovido de qualquer atração, que parecia utilizar-se do fato inusitado de ter crescido do lado de fora do castelo para zombar do seu mais célebre prisioneiro: o assistente do maldito conde que condenou às trevas a existência de várias mocinhas da região

Nos dias que os ventos poderosos castigavam impiedosamente a montanha, e pareciam decididos a arrancar a estrutura fortificada de suas bases e empurrá-la abismo abaixo, o tronco, mostrava toda a sua flexibilidade contorcendo-se quase até o chão. Em um desses dias turbulentos, despreendeu-se de um de seus galhos mais finos o fruto que acabou se estatelando bem próximo às muralhas impenetráveis.

Sob o sol escaldante, em algumas horas, o fruto havia se transformado em uma gosma pastosa de cheiro repugnante que chegou às narinas do infame prisioneiro encerrado na masmorra do castelo. Com muita dificuldade, o prisioneiro passou seu braço esquelético por uma falha na rocha e conseguiu embaraçar seus longos dedos ossudos nos fiapos pegajosos do fruto podre, e arrastá-lo para si. O mentecapto, então, levantou o fruto acima de sua cabeça, agradeceu às vozes da sua consciência pelo manjar que lhe fora agraciado

e abocanhou a gosma fedorenta. O sabor não lhe parecia de todo o mal. O cheiro imediatamente se impregnou nos fios de sua barba. Toda vez que ele apertava o fruto liberava a seiva viscosa que lhe escorria pelos braços para se acumular nas pontas dos seus cotovelos. E, apesar de requebrar-se todo, era humanamente incapaz de alcançar e lambe a gosma com a ponta da língua ressecada. Quanto mais violência aplicava em cada investida, mais visgo grudava nos seus longos cabelos sebosos que acabavam em um emaranhado fétido dentro da sua boca desdentada.

O fruto podia mesmo ser considerado um presente divino, se comparado aos insetos e aranhas que constituíam a parte mais sólida da torturante dieta de um condenado a apodrecer ainda em vida.

Quando só lhe restava nas mãos um escorregadio caroço de impressionante formato, ele percebeu que esse não só tinha o tamanho exato, mas pulsava tal qual um coração. Até para ele, aquilo parecia fora do comum. O fez sentir medo. Arremessar o caroço contra a parede de pedras. Recolher-se ao canto mais escuro da cela. De onde ria. E ria alto como apenas um lunático consegue rir.

\*\*\*

Naquela noite, a porta do calabouço foi arrancada de suas dobradiças e o brilho dos olhos vermelhos e cheios de raiva do conde ofuscou a luz da tocha que vinha do corredor.

— Mestre, você voltou... por mim!

— Nosso contrato é vitalício! Além disso, o momento de reencontrar a minha amada se aproxima e não há nada que eu gostaria mais de fazer do que me aquecer no calor reconfortante do seu abraço; tocar-lhe a alma. E eu não posso fazer isso sem a sua ajuda!

— Veja o que fizeram comigo, mestre! Quebraram todos os meus dentes e me trancaram aqui para morrer!

—Tolos ignorantes! Como poderiam matar criaturas que já não vivem há tanto tempo?

— Sim, mestre, como?

— Estou cansado de ver a vida através de janelas sujas. Não quero mais esperar. Lenôra pertence a mim e eu pertenço a ela. Sinto em meus ossos que o destino se prepara para cruzar nossos caminhos. Ninguém pode mudar o que está escrito! Logo estaremos, eu e ela, mais uma vez, envolvidos no velho jogo da sedução.

— Sedução! — repetiu o imundo, arrastando-se pela cela, em perseguição a algumas baratas.

— À princípio ela não será capaz de perceber como os nossos destinos estão conectados. Dirá que não me conhece. Vai me chamar de louco. Só eu sei o quanto ela vai tentar me evitar, mas nada neste mundo pode interferir em paixão tão avassaladora!

O prisioneiro sorriu, mudou de ideia e passou a perseguir uma lacraia. Atirou-se sobre o inseto, abocanhou e cuspiu para longe a cabeça da criatura, na esperança de evitar o sabor amargo do veneno.

O conde continuou:

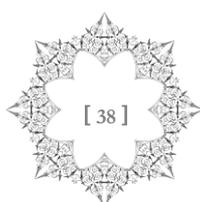
— Aí, um dia, eu vou impedi-la de terminar uma frase qualquer com um beijo predatório, amassar a sua boca carnuda com a minha, saborear sua saliva. E o tórrido encontro dos nossos lábios vai transportá-la numa viagem através de várias encarnações de uma alma pura e singela. Com um beijo vou presenteá-la com a memória de várias versões de si mesma: da inocente camponesa sonhadora, perdidamente apaixonada por este jovem nobre; passando por uma baronesa à frente do seu tempo, que adorava fazer intrigas e história com atrevidos movimentos pélvicos; até chegarmos à dançarina de cabaré apaixonada pela liberdade recém-encontrada na dança.

— Sim, mestre! — disse o louco, rindo e rodopiando pela cela, imaginando-se em um baile de gala.

— Infelizmente, eu não só sei como alimentar a nossa chama, como sei que, um dia, ela se apagará! Em algum lugar do meu pobre coração frio, estarei sempre temeroso, esperando pelo dia, aguardando a visita daquela, a quem pouco importa acúmulos de riqueza ou extrema pobreza material; daquela que desconhece idade, credo, beleza do corpo ou feiura da alma. E que a morte se apresente em seu mais puro manto de cetim para o encontro! Nesse dia, vou beijar minha amada entre os mais belos e perfumados crisântemos brancos, amaldiçoar o mundo com todas as minhas forças e deixar que seja, mais uma vez, arrancada dos meus braços. E ver o mundo retornar à sua condição de lugar triste e desolado, sem amor, sem paixão.

— Sim, mestre, sim!

— Imortalidade, criatura desprezível, nada mais é do que a maldição das maldições!





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**O ENOURADO E A MARCA DO MAL**

**Por Ícaro Uriel Brito França**

**Sobre o autor: Escritor, poeta e pesquisador. Graduado em Direito pela Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba (Facthus), em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Pedagogia pela Faculdade Futura e em Letras Português/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisador sobre Literatura Gótica e expressões do Gótico na atualidade, Arte tumular e Causos de Assombrações como resgate da História e Memória da Cultura Popular.**

"Viva em paz e não se deixe tapear pelo demônio."

(São Padre Pio de Pietrelcina)

**V**ejo tantas histórias, livros, filmes, relatos de vampiros a *le Vieux Monde* (Velho Mundo), com fortes traços hollywoodianos em terras tupiniquins. Grandes idealizações dessas criaturas em verdadeiros best sellers. Tristes fantasias de um mundo globalizado que se julga racional.

Bem, vou contar-lhes, amigos leitores a verdadeira história de uma dessas criaturas. Não esperem romances de seres excêntricos, advindos de castas aristocráticas, entre pompas e circunstâncias no ato de sorver sangue de verdadeiras novelas cavalheirescas. A realidade é bem mais sombria. E como bons vampiros, aproveitem até a última gota desse relato, que este singelo autor-trovador iniciará agora.

O ano era 1938, tinha apenas nove primaveras completas, mais um moleque, um cazuza a habitar o agreste pernambucano, na cidade de Garanhuns, território carregado de causos e “malassombros”. Mas, de todas as mazelas, uma mostra tão medonha que qualquer homem de boa-fé faria o sinal da cruz ao apenas ouvir o nome de um ser, de maldade tão primordial, talvez até mais perverso que o próprio caramunhão.

O encourado; ainda hoje apenas pronunciar, datilografar tal nome causa-me um álgido na espinha. Um verdadeiro vampiro brasileiro. A anúncio da chegada desse ser sombrio, todo vestido de couro escuro, com cheiro de enxofre e podridão, que se alimenta de sangue de animais e de humanos, já amedronta a alma do mais fiel religioso, além de perturbar o sono de muitos marmanjos. Ainda hoje, ao menos uma lamparina acesa permanece no criado mudo, ao lado da cabeceira de minha cama por via de dúvidas em caso de pesadelo com o mesmo. Já faz 70 anos desde a última vez que o vi e ainda me amedronta o fato de vê-lo novamente.

Talvez muitos creiam que seja eu apenas um idoso senil, sem lucidez nas palavras. Mas, não. Realmente vi a face da morte e ela estava viva e quase ceifou minha existência. Fedendo a sangue e putrefação, numa caminhada errante do traspassamento.

Naquela época, num tempo tão distante de agora, de costumes que fugiam da razão, havia histórias relatando que para o povoado se livrar da maldição seria necessário sacrificar uma criança. Dizia-se também que, além do sangue, o encourado sempre deixava no corpo da vítima uma marca, que era o desenho de uma cruz invertida,

carregando a vítima o toque do mal. Ainda, muitos pais colocavam que o Encourado só aceitava sacrifício de crianças, especialmente as mal criadas. Fedelhos que não respeitassem pais ou não fossem à missa dominical, cuja boca suja expelisse palavrões e deselegância, sem limites ou respeito. Era um alerta a moleques como eu, filho de mãe solteira, sem referência familiar, abandonado pela família, criado pelo mundo.

Eu e mais outros pequenos páreas sociais éramos tidos como menores em situação irregular, chamados de vadios ociosos, sendo muitas vezes enquadrados num ou noutro artigo do antigo Código de Menores, entre pequenos furtos e algazarras impróprios a nossa idade, dormindo alguns dias na antiga cadeia da vila, entre bêbados e delinquentes já de maioridade. Em cárcere, ao menos tínhamos entre duas e três refeições, além dos risos dos fuzuês de casos que chegavam ao delegado responder. Isso fora os jogos de baralhos, nos quais eu sempre ganhava algum pão adormecido ou pé de moleque de algum marginal sem sorte. Bem, até não era de todo mal se comparada à vida miserável que vivia no pequeno orfanato da cidade, entre fome e pancada, onde ora ou outra nos era lembrada nossa condição de bastardos. Nem mesmo eu cria poder ter futuro.

Mas, minha falta de fé logo mudaria após aquela quaresma. Lembro bem quando um grupamento de ciganos viajantes passou pela região alertando todos sobre a notícia de que um homem estranho andava por entre aquelas bandas. Eu nem sabia seu nome, pois os mais velhos evitavam falar, até que numa roda de conversa na mercearia da praça principal ouvi o nome do caramunhão: Encourado!

Diziam que, nos arredores da cidade, os urubus já sobrevoavam, vindos pelo cheiro de sangue e carniça o denunciava. Ainda, as galinhas haviam parado de botas ovos, os cachorros uivavam nas noites sempre cerca das 03 da madrugada, cavalos e vacas não mais saíam para pastos abertos, além de fêmeas prenhas de muares estarem perdendo as crias. Mas, o mais amedrontador foi o fato de três corpos terem aparecido sem nenhuma gota de sangue, além de conterem cruzeiros invertidos riscados no peito. Para os dois primeiros corpos, dois invisíveis sociais como eu (um lavrador muito humilde e um caixeiro viajante sem grande destaque). Porém, as coisas tornaram-se sérias após a última morte, filho de um grande fazendeiro que sempre comparecia fielmente ao cabaré de damas da cidade. E, em sua volta à sede, lá pelas tantas da noite, por volta das três da madrugada, fora afligido. A partir daí, o pai e outros compatriotas latifundiários iniciaram forte ataques sobre a situação. Isso apenas levou à morte de mais alguma dúzia de jagunços e mandatários em mesmas situações.

Várias tentativas foram feitas para afugentar aquela presença. Xamãs, benzedores, entre outros promoveram rituais. O sacerdote da igreja promovia vigílias coletivas de orações. Mas, cada dia, só aumentavam os relatos de avistamentos e corpos de animais e humanos que apareciam. Até mesmo foram oferecidos no catimbó galos índios vermelhos e galinhas pretas, pois havia a crendice de que sacrifícios animais poderiam aplacar a sede maldita do encourado, sem surtir efeito algo. Porém, uma velha senhora trouxe um caso daquele malassombro, que ocorrera na roça de seu pai, quando criança:

— Apenas o sacrifício de uma criança ao mesmo pode afugentá-lo!

“Como? Nunca será permitido tal barbaridade, é um absurdo, um sacrilégio”; disseram os mais conservadores. Porém, essa fraca moral logo mudaria após a morte de mais um integrante da aristocracia rural da região, o filho mais moço do Coronel Amaro, sogro do governante do legislativo municipal. A frágil moralidade sólida desmanchava-se no ar lúgubre que corria naquelas bandas interioranas. O sacrifício de um impúbere era necessário. Mas, quem? Quem teria tanta importância para que não fosse lembrado? Qual dos vadios miúdos em situação irregular faria menos falta caso fossem ordenados a tal missão?

Após alguns céleres diagnósticos, entenderam que um menino desnutrido, de olhos fundos e pele amarelada pela anemia, sem nenhum familiar direto, vivendo da caridade alheia e um dos pirralhos recordistas em passagens pela delegacia. Considerado o mais desordeiro e endemoniado pelos padres da cidade. Escolheram Afonso, este singelo autor que vos escreve!

Pronto; eu havia sido o escolhido, ao menos uma vez na vida. Mas, preferiria nunca sido notado pelos coronéis e cidadãos de bem. Lembro até hoje daquele dia. Havia amanhecido o dia, como sempre, nos dias de sexta, andávamos pela pequena feira livre, numa quase gangue de mancebos a la Capitães da Areias de Jorge Amado, entre pequenos furtos e desordens. Porém, passando próximo a um motorista de um dos coronéis, lembrei apenas de um grito: “Gatuno, pivete ladrão!”. Após isso apenas senti uma forte pancada na cabeça e apaguei. Lembro de ter acordado quase umas 16hrs, preso a cajueiro, com pés e mãos atadas. E me deparei com os mesmos olhos e rosto de carranca daquele motorista jagunço a me vigiar, tendo dito uma frase:

— Se aquiete marginalzinho que logo tua hora chega!

De quinze em quinze minutos, a cada tentativa de me movimentar, o mesmo repetia isso, como numa tortura sádica constante.

Fiquei naquela agonia incessante até quase umas 22hrs, até a chegada de um carro ao longe. De lá desceram mais dois homens, outro jagunço e o coronel Amaro, que chegando logo disse:

— Alcino, o ladrãozinho deu muito trabalho?

— Não sinhô coroné, tá apiado que nem cachaço em dia de sangria, disse ele.

Pensei logo que eu seria morto pelos homens. Será que teria roubado ou talvez praguejado algum? Não me lembrava de mais nada, até pelo fato de minha cabeça estar latejando. No local da pancada havia aberto um corte, que escorrera sangue.

Logo o coronel coloca:

— Olha mancebo, tu vai ser apenas um chamariz para o encourado. Logo ele vira por essas bandas, onde ocorreram os últimos ataques. De certo está escondido numa cova esperando a hora certa chegar para dragar teu sangue.

Meu corpo todo gelou de pavor. Acho que a morte seria por arma ou peixeira talvez seria mais branda. Logo ouviram uivos de cachorros, de residências próximas, além de um cheiro forte de sangue no ar. Era sinal que o demônio logo chegaria.

Disse o coronel:

— Agora tu terá serventia na vida moleque.

Após isso fez um corte em meu braço direito, acreditando que o sangue escorrendo atiçaria o maldito.

Disse um dos jagunços:

— É hora de ir coronel. Logo o demônio chega para alimentar do garoto e vai deixar a cidade em paz. Precisamos ir.

Retrucou Amaro:

— Não me dê ordens. Não recebo ordem de empregado. O mancebo é só uma isca. Eu quero é sangrar o maldito que matou meu filho.

Os homens, num olhar já de inquietação, amedrontaram-se com a revelação do velho coronel. Aquilo seria quase que uma missão suicida. Todos sabiam que nada daria certo com aquele amaldiçoado. Crucifixos, água benta, nada. Não viam noção naquilo. Aquele coronel, que tinha mandado executar tantos adversários, julgava-se tão onipotente ao ponto de pensar que poderia matar o próprio diabo.

Meu coração estava a mil. E a ansiedade logo aumentou. Uma rajada de vento frio começou e o cheiro de sangue intensificou.

Amaro grita:

— Apareça diabo. Teu prêmio tá aqui. O sangue de um mancebo. Todo seu caramunhão. Apareça logo pra levar teu sacrifício ordinário. É hora de acertarmos algumas dívidas filho do cão!

Num instante, uma sombra muito rápida aproxima-se do jagunço que trouxe Amaro cortando sua garganta. Ao cair um ser todo vestido de roupas de couro escuro põe-se em cima do corpo, sugando o sangue e marcando sua testa com dois cortes em sinal de cruz invertida. Foi realmente a primeira vez que presenciei de tão perto a morte. Nem no pior dia como garoto de rua eu me assustei tanto.

O outro jagunço, o mesmo que predizia minha morte durante toda a tarde, abriu tiro contra o ser, mas nada adiantou. As balas pareciam não lhe fazer efeito algum. Logo iniciou fuga correndo, mas num instante a criatura já estava atrás do mesmo, agarrando-lhe pelo pescoço e quebrando-o como se parte um graveto seco, passando a alimentar-se de seu sangue, cravando-lhe os dentes no pescoço avariado, finalizando com a típica cruz invertida na testa.

Agora, o outrora imponente coronel Amaro encontrara-se tão amedrontado quanto eu, um invisível moleque de rua. A criatura parecia sentir o medo e aquilo dava-lhe um prazer quase orgástico. O velho homem jogou água benta de um frasco sobre o rosto da criatura e começou a entoar o credo segurando um grande crucifixo de prata. Essa foi a primeira vez que ouvi a criatura articular palavras:

— Poupe sua água coronel Amaro, que de santa não tem nada. O pároco que a benzei é mais libidinoso que um sátiro junto àquela leva de esposas carolas hipócritas que chegam à sacristia solicitando conselhos matrimoniais. Rezando coronel, logo o senhor que nunca teve piedade dos pobres donos dos roçados que se apossou. Lembra, Amaro? O prazer que tinha ao sangrá-los logo após terem sido espancados por homens como esses que acabei de matar? O mesmo prazer que tinha seu perverso filho, que o senhor moldou a sua imagem e bestialidade e que eu dei fim. Quantas almas, seus pecados são muitos e sua alma muito perversa pra que preces ou objetos façam efeitos. Reze, mas reze muito por sua alma!

Num zastras, agarrou o crucifixo, immobilizando o homem e disse-lhe sussurrando ao ouvido:

— Sabe o que mais gosto, o que mais aprecio para saciar minha sede de sangue? O sangue de delinquentes pravos, traiçoeiros, assim como o senhor. Aprecio isso bem mais do que o sangue de mancebos!

Após isso esmagou a traqueia de Amaro trespassando por ela o crucifixo. Bebeu o sangue daquele vetusto com intensa gula por aquela substância, logo após marcando o corpo com o mesmo sinal de cruz invertida na testa.

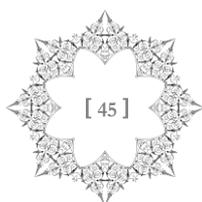
Dentro em breve aqueles olhos vermelhos voltaram sua atenção para mim. Eu era apenas um garoto, indefeso, amarrado naquele cajueiro, mas que não faria falta a ninguém. Rapidamente o mesmo apontou as garras sob minha direção. Pensei que feriria minha garganta, mas não. O mesmo pegou minha mão esquerda e riscou uma cruz invertida na palma da mesma, cicatriz que carrego ainda hoje e disse:

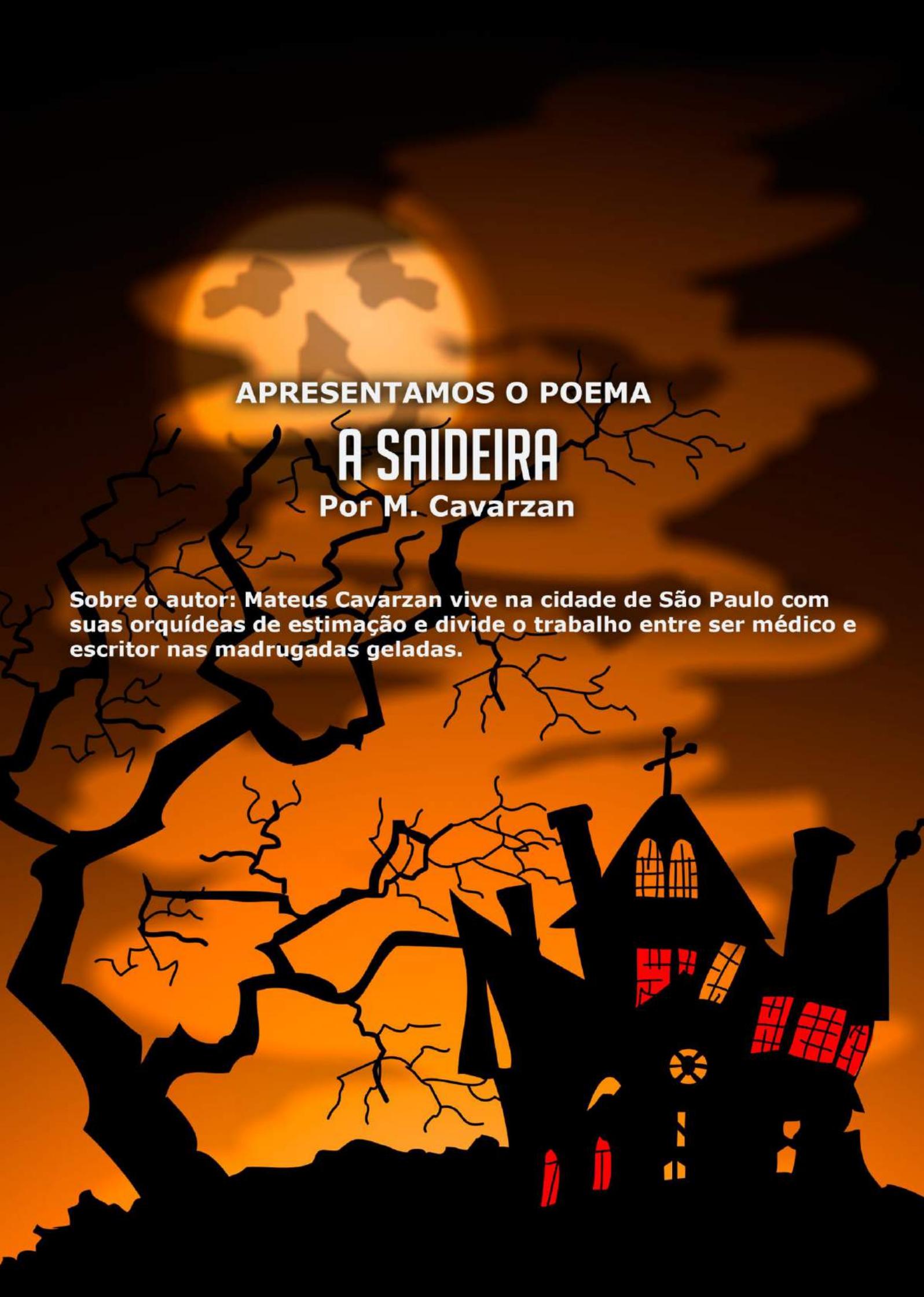
— Essa é marca do mal, uns carregam na morte para a sepultura outros carregam em vida como testemunha de que o mal existe. Tu és o segundo caso. Já cumpri meu múnus, minha sina nessa terra. Sigo meu caminho e tu o teu, mas cuidado pra não nos toparmos novamente frente a frente novamente, pois ninguém tem a mesma sorte duas vezes! Hoje tiveste a sorte de ter alma menos suja que a daqueles cadáveres. Cuidado pra não te tornar como eles. Meus olhos acompanham tudo!

Quando fui resgatado pela polícia estava em choque, não conseguindo falar por cerca de um mês, em total silêncio. Fui enviado para um orfanato em Recife, após sair do hospital, onde um casal de médicos apiedou-se de minha pessoa, minha história, adotando-me. Com estes conheci o que realmente era uma família.

Quando tinha quinze anos nos mudamos para São Paulo. Na Pauliceia Desvairada, finalizei meus estudos, me tornando professor universitário, constituindo minha própria família.

A cada ano que se passava, mas longe ficava o agreste pernambucano, Garanhuns e todo aquele pesadelo, que nunca consegui relatar de forma inteira, como faço por meio destas linhas que escrevo. Como lembrança, a cicatriz na mão esquerda e os pesadelos noturnos que vez ou outra persistem em me acompanhar. Espero não ver nunca aquela criatura vampiresca. Antes fosse o Encourado uma lenda como cria antes. Porém, como disse um dia William Shakespeare; “o inferno está vazio e todos os demônios estão aqui”.





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **A SAIDEIRA**

**Por M. Cavarzan**

**Sobre o autor: Mateus Cavarzan vive na cidade de São Paulo com suas orquídeas de estimação e divide o trabalho entre ser médico e escritor nas madrugadas geladas.**

Como piche denso, escuro e pegajoso,  
a Escuridão toma conta da minha mente  
burla minhas defesas, arromba a porta trancada  
e me possui, invadindo meu corpo na calada da noite.

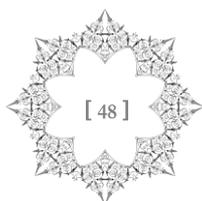
Não tenho voz, não tenho olhos e não tenho escolha  
Acorrenta, amordaça e me estupra  
Trago engasgando goela abaixo o seu fel  
enquanto ela me impregna com suas sementes  
que cravam suas profundas garras  
e, parasitas, crescem dentro de mim tirando meu sustento,  
rompem o meu seio cansado de amamentar  
sempre as mesmas ideias, as mesmas ruminações,  
as mesmas boas e fúteis intenções.

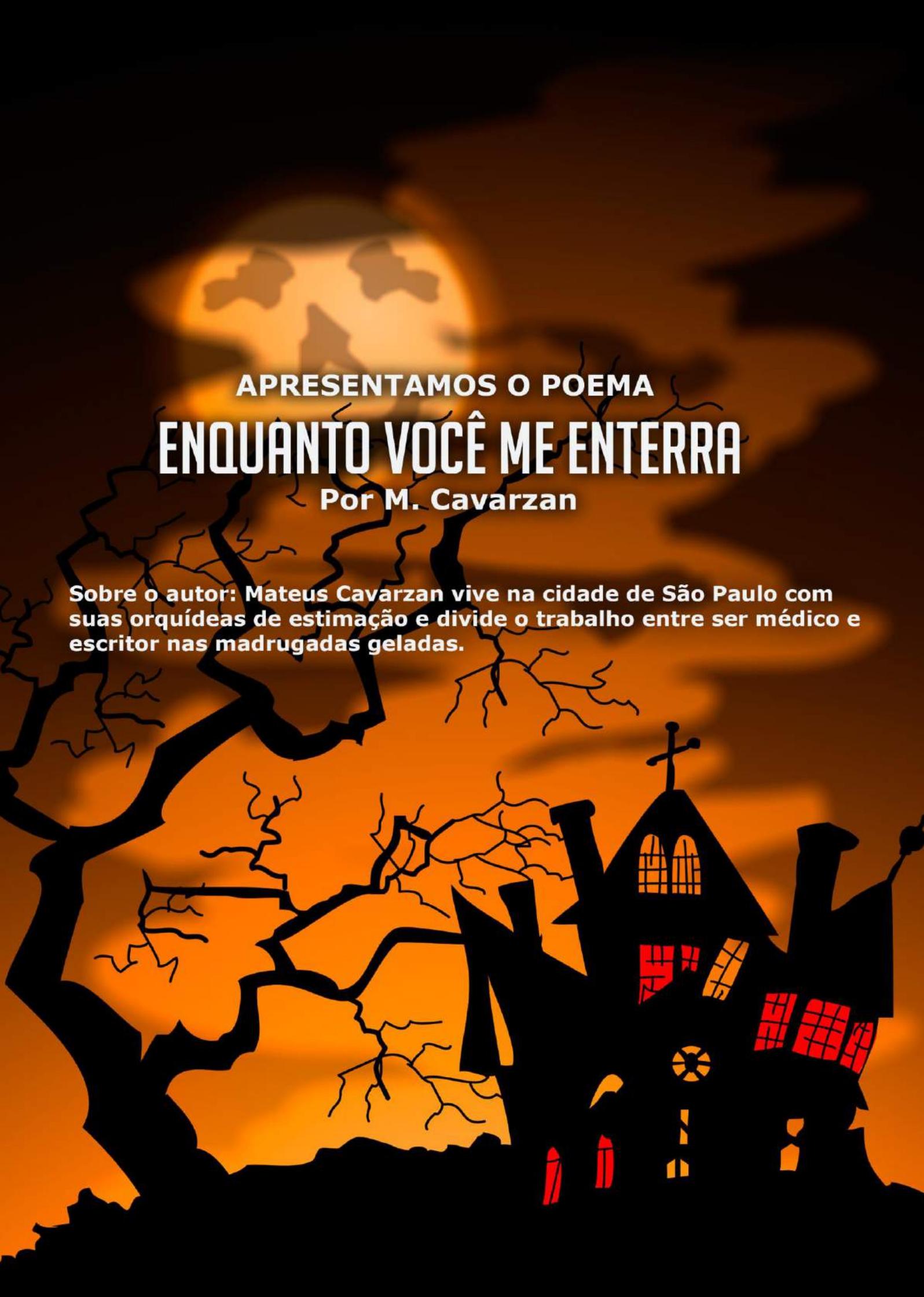
Nunca consigo quebrar os grilhões que me prendem  
que me acorrentam nesse círculo vicioso que é o meu existir.  
E, após anos trancafiado dentro de mim mesmo  
num local sem ar, onde a luz não penetra  
onde morro de sede ao me afogar,  
decido então ceder ao chamado e me aproximo da Sombra,  
a mesma que me rondou a vida inteira,  
me espreitando, esperando o momento certo.

Entro no meu pior pesadelo, faço uma reverência e ajoelho perante a escuridão,  
cedo às sementes que agora crescem livres,  
como árvores nos escombros, na moldura de um falecido homem.

*Mais, mais*, eu peço com a boca sangrando  
Não pare, não querida, não agora que ficou bom  
Me penetre com ainda mais força, arranque de mim o que me falta  
Vamos, mostre-me do que é capaz.

E pela primeira vez Ela sorri e me encara nos olhos,  
sussurra o doce segredo em meus ouvidos  
e me convida para uma última bebida  
e, juntos, de mãos dadas acolhemos a noite,  
doce e bela que está apenas começando.





APRESENTAMOS O POEMA

# ENQUANTO VOCÊ ME ENTERRA

Por M. Cavarzan

**Sobre o autor: Mateus Cavarzan vive na cidade de São Paulo com suas orquídeas de estimação e divide o trabalho entre ser médico e escritor nas madrugadas geladas.**

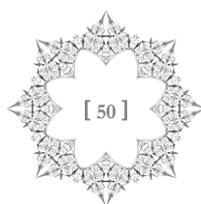
Seus cabelo negro é lindo, meu bem  
tão lindo que a escova reflete seu brilho natural  
com fios longos e ondulados como o mar pela noite

Costuro sua boca, sem deixar vestígio  
sempre tão falante, mas agora tão quieta  
pinto seus lábios, vermelho escarlata, sua cor preferida  
contorno seus olhos, obviamente com aquele seu lápis preto  
ressaltaria seus olhos, você diria  
pena que estão agora eternamente fechados  
num sono talvez precipitado, meu bem

De vestido branco, limpo e angelical,  
te banho com a esponja,  
a água morna limpa as impurezas  
e como um batismo, mergulho suas mãos e pés

Faço massagem, daquelas que você gostava, na sua carne dura  
vejo as unhas ainda feitas da semana passada  
vermelhas, só para combinar com esse seu batom  
que tira a atenção da etiqueta no seu dedão

Tenho vontade de dançar com você a noite toda  
sei que você ainda se mexe  
com aquele jeito suave e delicado  
não aqui, mas na minha imaginação





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **MARIA ROSA**

**Por MFortes**

**Sobre o autor: Nascido na cidade de Santos Dumont (MG), filho de Hudson e Liliane, tataraneto de Maria Rosa Fortes, co-autor de três antologias da editora Luso-Brasileira Chiado, co-autor de quinze antologias da editora PerSe, co-autor de quatro antologias da editora Porto de Lenha, co-autor de uma antologia da editora MWG e co-autor de uma antologia de contos da editora Psiu.**

Nas Minas Gerais

Nascida

Das Minas Gerais

Nativa

Maria Rosa

Esse era o seu nome

Ímpar moça

Beleza que consome

Casada com Manoel

Um jovem casal

Vidas ao léu

Sedução mui fatal

Certo era o dom

Que a fizera conhecida

Certo era o dom

Que a fizera tão querida

Muitos de longe vinham

Pois de sua ajuda precisavam

Os mineiros nela tinham

Realização do que esperavam

Sua fama a aumentar

O que ela poderia ter?

O futuro vislumbrar

Nossa, como pode ser?

Suas cartas a ler

As saias a rodar

Seu amor prender

No fitar do olhar

O vizinho duvidou,

Desdenhava!

Ela então revidou,

De fato, provava!

Seu olhar

O bananal afogueou

Seu olhar

Muito amedrontou

A porta trancada

Sim, ela estava

A porta trancada

Para ela, era nada

Com uma simples oração

Aberta já se encontrava

Seu neto com admiração

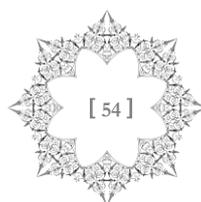
A tudo testemunhava

Maria Rosa

Essa beleza que consome

Maria Rosa

Eu tenho seu sobrenome.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A VINGANÇA DO CAPIANGO**

**Por Ney Alencar**

**Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books e em 21 antologias de contos. 01 Romance publicado.**

O leopardo estava subnutrido e extremamente faminto.  
Forçou as barras enferrujadas da jaula até que elas cederam.  
Seu vulto magro se moveu pelas sombras da tenda do circo, temeroso.

Sentiu o odor pungente das zebras atrás do carroção do elefante.

Aproximou-se devagar, o estômago roncou, as zebras nitriram horrorizadas.

O leopardo pulou no pescoço de uma delas, derrubou-a mordendo o pescoço enquanto as outras se batiam e tentavam escapar fazendo um barulho horrível, de medo contra metal.

O vulto do homem, alto e duro que usava uma cartola preta ergueu uma pistola nas sombras da tenda, atirou apenas uma vez, o leopardo caiu para o lado já sem vida.

Os olhos do domador das feras arregalaram-se ao ver a transmutação à sua frente.

O corpo foi enterrado em um matagal próximo.

O circo mudou-se no dia seguinte, seguia para o leste com pressa.

Dois dias depois um vulto aproximou-se do capinzal.

Um índio idoso, vestido como branco, trazendo na mão esquerda uma seta longa de penas coloridas.

Ele se abaixou e cantou uma melodia triste, sussurrada sobre a terra maculada com o corpo que jazia assassinado ali.

Lágrimas verteram de seu rosto marcado pelas linhas da angústia e da perda.

Se levantou e começou a andar em direção ao leste.

A imagem nublou-se dentro da bola de cristal.

A cigana viu com horror o homem tornar-se outra coisa e correr de quatro pelo capinzal.

— O Capiango! Ele está vindo! — sussurrou ela com medo latente na voz grisalha.

\*\*\*

A grande tenda branca e vermelha do Show de Aberrações do Doutor Morte estava montada no centro de um grande capinzal no limites da cidade.

Ao redor dela outras sete tendas pequenas multicoloridas se espalhavam orbitando com suas atrações particulares e cheias de curiosos.

As tabuletas escritas em letras vermelhas demarcavam seus ocupantes: O Menino-Leão da Índia, A Mulher Macaco da China, O Homem Elefante Africano, O Maior Homem do Mundo, A Vênus Hotentote, O Homem-Serpente das Américas e O Homem-Cão da Austrália.

O sol descambava pelo oeste fazendo crescer as sombras das tendas.

Uma figura gigante e cabisbaixa, vestida com roupas curtas e andrajosas acendia lampiões altos pelo meio dos caminhos entre as tendas.

Um grupo de anões vestidos como palhaços corria por ali assustando a multidão e contando piadas toscas.

A luz mortiça dos lampiões logo foi a única que restou para iluminar aquele show de horrores.

Na tenda principal, dentro de uma jaula de grades de metal amarradas, o domador das feras, um homem alto e duro, vestido com um fraque vermelho e uma cartola preta brandia um chicote luzidio contra um leão.

Um tigre velho sentado ao lado esperava sua vez.

O domador fez o leão pular e correr, rosnar e rugir várias vezes.

Fez o mesmo com o tigre, depois os retirou daquele palco improvisado para jaulas pequenas e estreitas colocadas próximas do picadeiro.

O público aplaudiu, riu e pediu mais!

Uma garota loira e bonita trouxe as zebras e fez acrobacias sobre elas enquanto corriam pelo picadeiro.

A mesma garota trouxe o velho elefante, brincou com ele e arrancou risos e aplausos da platéia.

O show continuou por mais duas horas.

Enfim terminou e todos foram saindo da grande tenda, apenas um vulto de um índio velho deixou-se ficar por um momento junto à um dos mastros principais, depois sumiu como se nunca tivesse estado ali.

A noite envelheceu e foi se avizinando a meia-noite!

Todos os espectadores e clientes já haviam ido embora.

As aberrações já haviam se recolhido, cada qual à sua tenda solitária, remoendo seus sonhos e suas tristezas.

Apenas os anões ainda vagavam por ali, varrendo, limpando, consertando, em um silêncio amuado.

Mas até eles acabaram por ir dormir.

As luzes da grande tenda foram apagadas, restaram apenas os lampiões espalhados entre as tendas menores.

Em uma tenda mais afastada, iluminada apenas por uma vela amarelada, uma velha cigana quase centenária olhava em silêncio para uma bola de cristal.

Suas mãos encarquilhadas tremiam na antecipação do que havia previsto, ela o havia avisado, mas o domador gargalhara de escárnio na cara dela, ela era uma velha doida dissera, uma fraude, uma impostura!

O domador a havia colocado para fora do trailer com um pontapé!

Iria se arrepender! Iria ver do que ela era capaz! Ela era Madame Zoraya, descendente dos verdadeiros gitanos do Rajastão! Ela via tudo em sua bola de cristal! Assim como sua mãe antes dela, e sua avó! Ela vira o jaguetê que ele prendera, ela vira o que aquela criatura era, mas ele não acreditara nela! Zombara dela! Ia aprender!

Algo se moveu na neblina que preenchia a bola de cristal.

Era o domador, da cartola preta!

Ele andava pelas sombras do picadeiro, balançando seu chicote e mexendo no bolso cheio de dinheiro. Uma pistola repousava enfiada nas calças às costas.

Imaginava para onde iria depois daquela cidadezinha, talvez para a capital, fazer uma turnê por outro país quem sabe?

Um barulho alto o tirou de seus pensamentos.

Olhou em volta, quem seria àquela hora? Decerto um dos anões ficara bêbado de novo, ou o Homem-Cão estava perseguindo novamente a Vênus Hotentote!

Precisava contê-lo antes que o gigante os descobrisse, da última vez quase os matara de tanto bater. Ficaram sem se apresentar durante dias.

Mas o que podia fazer se aquela mulher não parava de se mostrar? Nem ele nem o gigante conseguiam mantê-la quieta.

Outro barulho, mais alto desta vez, um rosnado.

Talvez o Menino-Leão tivesse entrado na jaula do tigre de novo!

Virou-se e vislumbrou o corpo sinuoso do leopardo esgueirando-se por entre as cadeiras da platéia numa réstia de luz.

Teve medo!

Não era o leão nem o tigre, era outra coisa! Mas tinha morto o leopardo! Tinha enterrado aquele corpo blasfemo que surgira em seu lugar naquele capinzal tão longe.

Ouviu o rosnado gutural e baixo.

Ele estava perto, podia sentir. O medo o fez suar frio.

Lembrou-se da cigana!

Ah que velha safada! Ela havia predito, mas ele não acreditou nela!

Voltou-se horrorizado.

Era um grande leopardo, andando pelas réstias de luz dos lampiões, vindo em sua direção, gingando com os olhos fixos nos dele.

Agora percebia, não eram olhos de bicho!

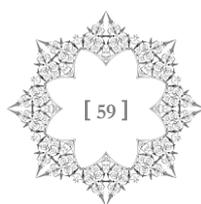
Eram olhos de homem!

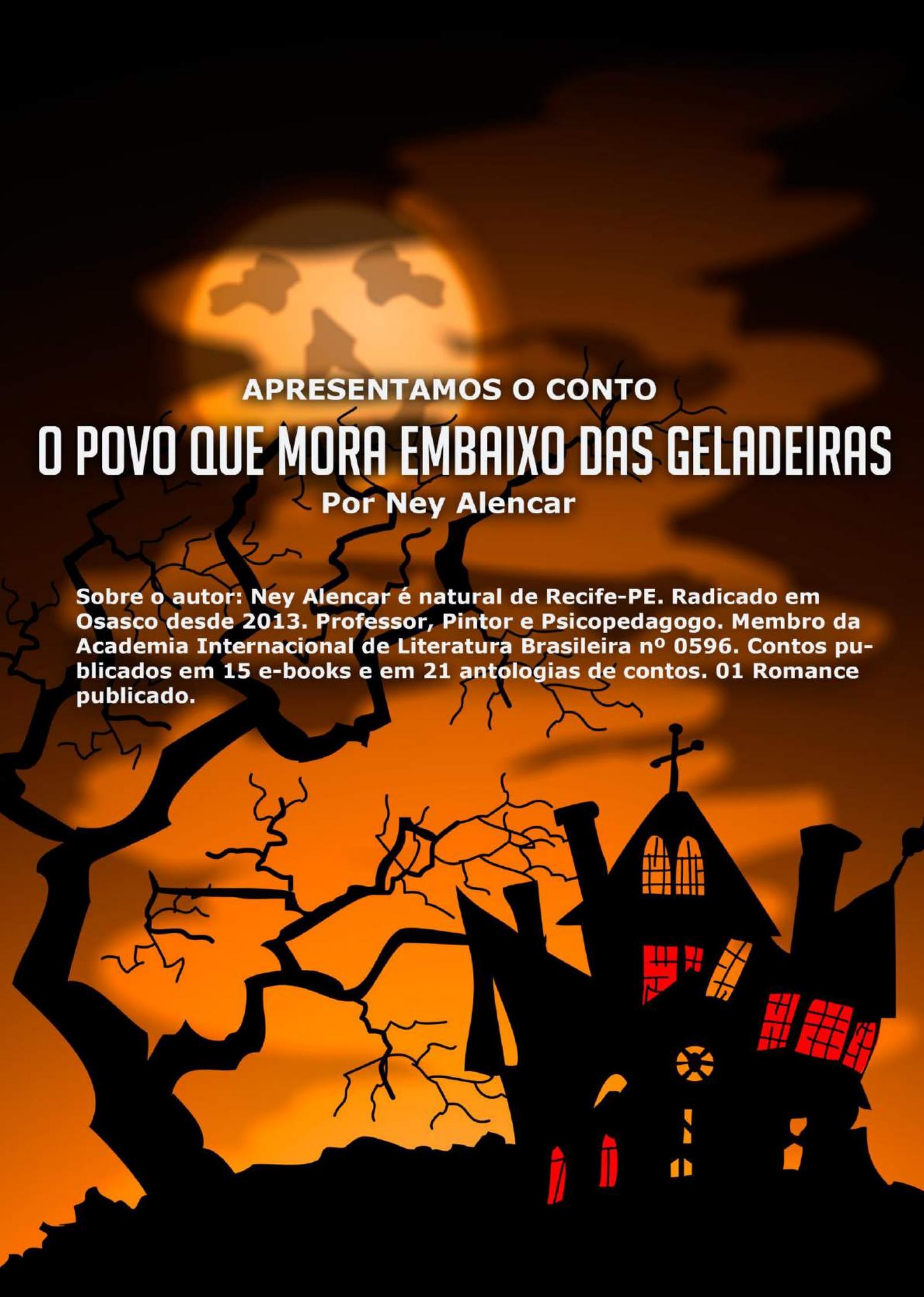
O domador das feras não gritou quando o leopardo pulou em sua garganta, nem sequer tentou se proteger com a pistola, pois sabia que não podia fazer nada.

Em sua tenda, pela superfície nublada da bola de cristal a cigana viu tudo, e então afastou-se da mesa com um susto e um grito abafado.

Horrorizada a cigana viu o animal tomar a forma de um homem, que deixou sobre o cadáver mutilado uma pequena flor de dente-de-leão.

Depois sumiu como um suspiro no matagal!





**APRESENTAMOS O CONTO**

# **O POVO QUE MORA EMBAIXO DAS GELADEIRAS**

**Por Ney Alencar**

**Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books e em 21 antologias de contos. 01 Romance publicado.**

**É** uma história antiga!

Uma lenda que veio com as primeiras geladeiras, descendentes das antigas casas-de-gelo que usavam o gelo natural produzido no inverno nas regiões frias.

Quando o barulho do primeiro motor elétrico roncou agourento e resfolegou com rouquidão nas vastidões frias das cozinhas!

Foi então que o Povo que mora embaixo das geladeiras veio.

Dizem que eles vieram primeiro de sob as antigas Domerles e então passaram para os versáteis Kelvinators, mas que não se adaptaram aos populares General Electric, principalmente por causa dos compressores que estavam colocados no topo dos aparelhos.

Alguns dizem que eles são parentes distantes do Povo dos Elfos, outros que são descendentes dos Duendes de Sob as Colinas, mas ninguém sabe ao certo o que são e nem de onde vieram!

Alguns dizem que são pequenas divindades expulsas de suas terras natais pelo Cristo Branco, mas ninguém sabe realmente ao certo!

Porém todos sabem o porquê eles vêm e o que procuram!

Eles caçam!

E como todos sabem o Povo que mora embaixo das geladeiras se alimenta de nada melhor do que carne humana!

Dizem que nas noites de inverno ou nas noites excessivamente frias eles saem de debaixo das geladeiras para caçar, e nestas noites uma ou outra pessoa que veio de madrugada, nas horas mais frias, até a geladeira para uma refeição rápida, desaparece!

Dizem que eles preferem aqueles mais cheinhos, pois podem sustentar uma família inteira durante todo o resto do ano.

Muitos já tentaram ver e até mesmo capturar um do Povo que mora embaixo das geladeiras, mas nunca ninguém conseguiu, jamais!

Houve, no entanto, um homem, o senhor Roberto Alcaçuz, que vivia na fria cidade de Santa Cruz da Serra, e se achava mais esperto e inteligente que os seus pares, que tomou para si o feito de capturar um do Povo que mora embaixo das geladeiras.

Ele era um homem grande, no sentido de espaço e não no sentido abstrato, pois pesava quase duzentos quilos, ferrenhamente cultivados durante toda sua vida.

Também era um homem ranzinza e teimoso e poucas coisas havia que deixasse de fazer depois que a idéia se firmasse em sua cabeça dura.

Ele assim o disse aos seus amigos e aos seus vizinhos e alardeou para toda a cidade, e até mesmo para sua esposa, mas esta só balançou a cabeça para um lado e para o outro e assobiou baixinho.

Ele possuía um antigo Kelvinator muito bem cuidado que era o orgulho de sua mulher, que não viu com bons olhos as aproximações sorrateiras do marido pelo do eletrodoméstico.

Foi numa noite muito mais fria do que o normal, logo perto do fim do inverno que ele resolveu levar adiante seu plano louco, mesmo quando sua mulher lhe pediu para desistir “daquela coisa sem sentido”.

Ele manteve-se firme e determinado até o fim!

Não fosse ele desistir por medo que os amigos, vizinhos e parentes iriam dizer dele.

Dormiu sob as cobertas quentinhas até a meia-noite e quando o bater das badaladas do grande carrilhão da sala o despertou ele pulou da cama e foi se esconder em um canto da cozinha azulejada com uma potente rede de caçar borboletas.

Ali ele esperou, como um caçador emboscando a presa, durante as horas mortas da madrugada fria, sentindo o gelo do inverno penetrar até seus ossos, o nariz enrijecer-se e as mãos e pés adormecerem.

O próprio sono foi seu veneno, dizem as más línguas, pois o aconchego do esconderijo acabou por sobrepujá-lo e ele adormeceu!

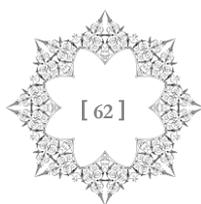
O silêncio da madrugada fria veio, tão silencioso que era quase como uma blasfêmia!

De manhã, quando a esposa desceu retumbante a escadaria do quarto para acordar o dorminhoco, assustando quaisquer resquícios do silêncio da madrugada, eis a sua surpresa ao descobrir que o marido desaparecera!

As portas e janelas todas trancadas por dentro refletiram sua surpresa!

Do senhor Roberto ninguém soube jamais!

E ainda hoje os moradores de Santa Cruz da Serra comentam que o fim daquele inverno foi bem tranquilo e não houve desaparecimentos até que veio a primavera!





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**O SEGREDO DA CAIXA DE FERRO**

**Por Ney Alencar**

**Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books e em 21 antologias de contos. 01 Romance publicado.**

**P**or décadas a velha caixa de ferro havia repousado intocada no porão da velha casa. Ao seu lado uma brochura velha de couro e uma chave pequena. Um diário dos primeiros donos da caixa, dividido em três partes, contava esta história:

Tudo começou na Grécia, em 1779 durante o final da Revolução Francesa. Estava estacionado com um regimento na Vila de Myloi, sudoeste do Golfo da Argólida. Fomos designados para ir até Argos, no meio do caminho encontramos uma divisão prussiana, ficamos sob uma barragem de fogo que levou metade do regimento. Tentava ficar vivo, me abriguei sob uma pedra gigante, quase um rochedo no meio das árvores baixas. Outra barragem caiu sobre nós e acertou a pedra atrás de mim. Caí para frente com o estrondo achando que a pedra explodira, apenas rachou no meio. Rolei para o lado e escutei um barulho horrível, um ronco gutural que vinha debaixo da pedra. Não havia ninguém perto de mim. Aproximei-me devagar, olhei para a brecha aberta. Havia um buraco, algo se movia ali. Com cuidado cheguei perto e olhei, o que vi me chocou, me amedrontou mais que todo o exército prussiano.

Uma blasfêmia, uma coisa cuja existência por si só tornava verídicas as histórias do passado que chamamos lendas. Não podia deixar aquilo exposto para ser destruído pelos prussianos, ou pior, que caísse em seu poder! Seria terrível! O mundo poderia sucumbir ante o poder daquilo! Entrei no buraco, cavei ao redor da coisa, vi a terra úmida, um fel esverdeado saía dela, a pá chiou e torceu-se com a queimadura daquele fel.

Parecia adormecida e resfolegava, enrolei-a numa lona de campanha que aguentou bem a acidez e guardei-a na mochila. Fugi dali o mais rápido que pude, não sabia o que mais poderia haver debaixo daquela pedra. Quando fugia olhei para trás e vi que todo aquele lugar foi varrido da terra com nova barragem de tiros de canhão, a pedra foi jogada para o lado e recobriu o que restara do buraco. Evitei os alemães e reagrubei com o que restava do regimento, seguimos para Argos. Pouco depois sofri um ferimento grave na perna, que até hoje me faz mancar e voltei para casa. A guerra terminara para mim!

Trouxe a coisa comigo da Grécia. Escondi-a em meu quarto, em uma caixa de ferro antiga e bem sólida. Fechei com um cadeado, tinha medo que outros viessem à descobri-la.

Quase a esqueci, mas ela não deixava que isso acontecesse. Sua imagem ficava voltando ao meu pensamento. Via em sonhos, ouvia seu ressonar pesado nas noites sem lua, afinal tive o pesadelo que me mostrou o que era aquilo de verdade!

Não sei dizer o nome do lugar. Um pântano, o arvoredo alto e espaçado, pelo meio águas negras preenchiam tudo. Pássaros gritavam vozes fantasmagóricas e havia barulhos de coisas se movendo pela água. Parecia procurar algo ou alguém. Chamava um nome, quando acordei não conseguia me lembrar qual. Fui entrando naquele lugar mefítico, seguia um rumo definido, para o centro do pântano. As horas passaram e o crepúsculo desceu devagar com seu manto de horror sobre aquele lugar tétrico. Ouvei o barulho alto de alguma coisa que se aproximava, ouvi o barulho das árvores se quebrando e galhos caindo na água. Aquilo vinha em minha direção. Não havia como escapar, nem onde me esconder. Quando surgiu, de detrás de um arvoredo quase desmaiei de susto e pavor. Era criatura horrenda saída dos piores pesadelos. O corpo de dragão, uma cauda comprida chicoteava o ar, no lugar do pescoço nove brotavam do mesmo tronco como um maço de serpentes que coleavam e ciciavam cuspidando um veneno esverdeado e mortal. A coisa não me viu de pronto, me escondi atrás de uma árvore pequena, meu movimento atraiu seu olhar, mostrou-lhe onde estava e a criatura com berros horrendos voltou-se em minha direção. Virei-me para tentar fugir, senti o hálito nauseabundo do horror claudicante atrás de mim, frente à morte certa acordei!

Tive o mesmo pesadelo por uma semana, no fim temia dormir. Por mais que soubesse o que ia acontecer não conseguia evitar que a criatura me pegasse. A sensação de impotência frente à morte era perturbadora!

Enterrei-a nas raízes da grande castanheira que havia no fundo do quintal! Ela não ficou ali, corroeu o fundo da caixa de ferro e seu fel esverdeado caiu na terra, envenenou tudo ali. Exatamente como no pântano! Bebíamos água do poço no meio do quintal, cavado na época de meu avô. Com o passar do tempo vi que a água não era a mesma, nem me dei conta do que acontecia. Somente quando os animais começaram a morrer, que percebi que havia algo estranho. A influência parecia se espalhar pelas casas ao redor.

Os vizinhos do fundo do quintal foram os primeiros a sentirem seu veneno execrável. Os Zanutti eram cinco, o pai Alberto, a mãe Clemencia e três filhos Abigail, Rute e o pequeno Jorge. Fazia já dois meses que havia enterrado a coisa quando soube que Rute, estava doente com febre e veio a falecer. O pequeno Jorge a seguiu. O doutor Carolus, declarou que a água do poço estava contaminada, deveriam fechá-lo e abrir outro, mas o doutor Manoel, médico mais velho disse que as crianças padeceram de febre infantil. Dois meses Abigail, caiu doente e faleceu junto com a mãe. O pai vendeu a casa e mudou-se!

Não imaginei que pudesse haver ligação, foi então que as criações de meu pai começaram a morrer, primeiro as galinhas, depois os porcos. A horta secou e já não havia planta que sobrevivesse no quintal. Os vizinhos da direita, os Silvanos, foram os próximos, a senhora Alda e dois filhos menores. Seu primogênito caiu doente, ela chamou o doutor Manoel, o pequeno faleceu dias depois. Ela nunca se recobrou do choque do falecimento, nem mesmo quando seu segundo filho veio a falecer. Foi acometida de uma forma branda de insanidade e passeava pelas janelas abertas chamando o nome das crianças com sua voz fina e aguda. No início do ano minha mãe faleceu. Percebi que o ambiente não era saudável para manter minha família ali, mudei-me com esposa e filho e deixei todos esses problemas para trás. Apenas meu pai ficou morando na casa. Voltei sozinho anos depois, quando meu pai faleceu e por causa de problemas financeiros tive que voltar a morar ali. Havia esquecido os horrores da guerra e do que havia trazido da Grécia, mas quando parei em frente à casa tudo voltou. O lugar estava arruinado, as plantas e árvores mortas, a casa caindo aos pedaços envolta em uma aura de horror! A lembrança da coisa retornou. ... (havia uma página rasgada, continuava em uma letra rabiscada) ...aquilo não pode morrer! Sei disso agora! Para mim é a morte, ela me envenenou com seu fel, sinto-o queimar em meus braços e me corroer por dentro. Ah, que morte horrível, se ao menos eu pudesse...

**A primeira parte do diário terminava ali. Depois havia outra caligrafia, provavelmente de seu filho. Continuava a estranha narrativa:**

1963. Meu pai morreu hoje! Encontrei-o na poltrona. Foi horrível. Seu rosto tinha uma expressão que nunca vou esquecer, parecia medo puro ou terror, era indefinível. Os braços estavam com vergões vermelhos e pequenas pústulas, como se fossem de queimaduras por algum líquido muito forte. Havia um cheiro indefinido e ácido pelo ar, alguma coisa ruim! Ele tinha este diário nas mãos. Eu o li e tão logo terminei desejei nunca tê-lo feito.

Agora jamais terei paz. Que coisa hedionda trouxe da Grécia? Que monstruosidade é essa que escondeu na caixa de ferro e envenenou tudo aqui? Talvez até meu avô tenha morrido disto, pois ainda criança me lembro que se queixava do gosto amargo e ácido da água.

... (Havia várias páginas faltando nesse intervalo) ...

Desenterrei a caixa finalmente! Ó Deus! Queria não ter feito isso. O horror que se oculta naquele buraco é demais! Como pode trazer aquilo para cá? Porque não deixou que ficasse enterrada sob aquela pedra. Era lá que deveria ter ficado, ou ter sido destruída pela

guerra! Maldito meu próprio pai que trouxe maldição sobre toda família! Como pode fazer isso? Vi o que jaz naquela caixa! Agora que vi só me resta morrer!

**A segunda parte do diário terminava ali. A terceira era escrita em uma caligrafia reta e desusada:**

Este é o legado de minha família, aqui também deixarei minha narrativa. Não me lembrava da casa de meu avô, meu pai me levava embora cedo. Por minha vez deixara a casa de meus pais quando fora cursar a faculdade. Poucas vezes voltara lá. Depois da morte de minha mãe, meu pai mudara-se para a casa de meu avô. Quando me chamou, parecia triste e calado. Percebi algo terrível, um segredo estava corroendo sua mente. Uma noite me chamou, havia horror em sua voz, imemorial! Trocamos poucas palavras, guardei-as de memória, me disse apenas:

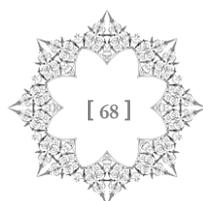
— Ela ainda está viva! Ela ainda está viva!

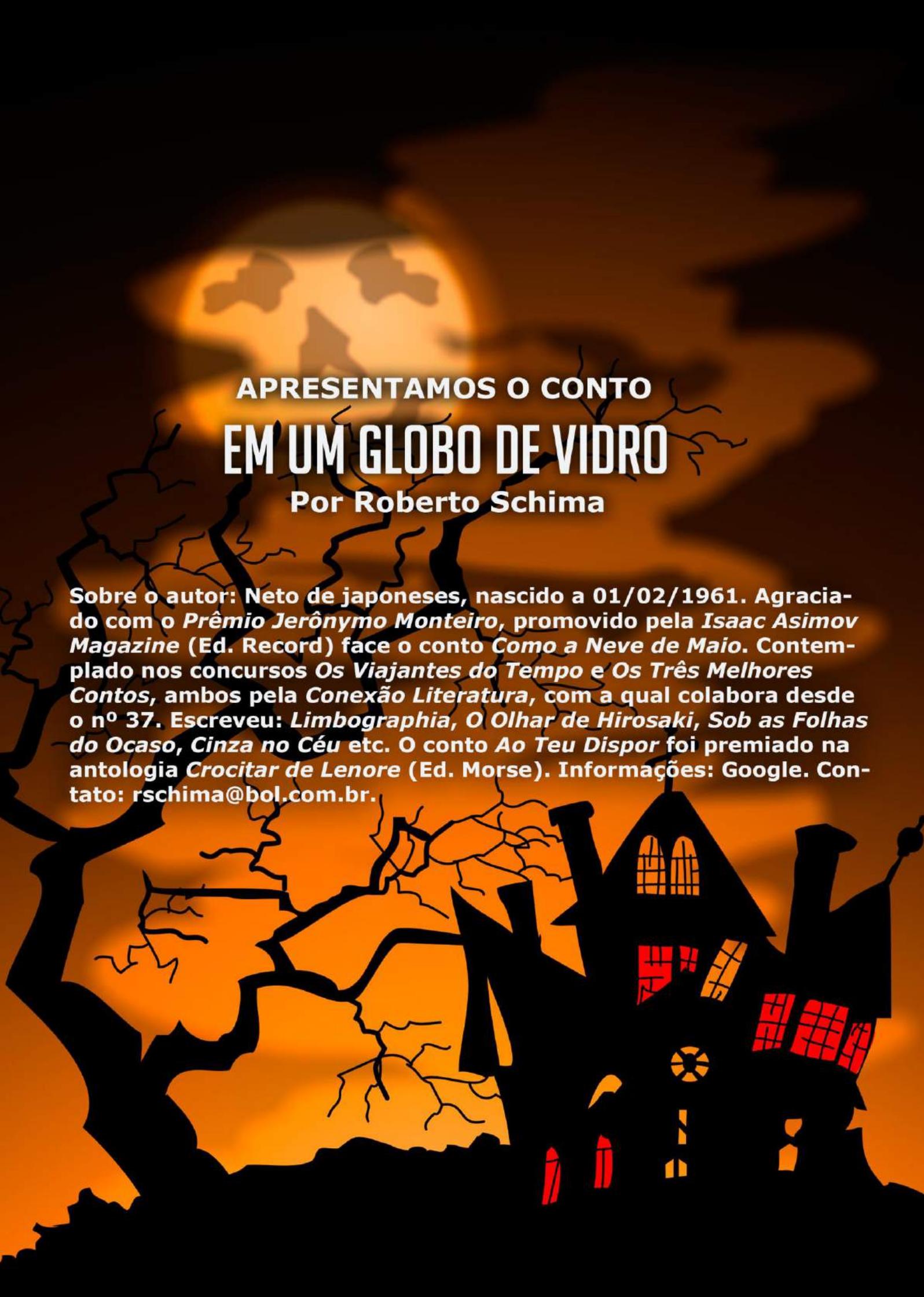
Depois sofreu uma síncope e morreu. Em seu rosto uma expressão de indizível horror, as mãos crispadas com uma dor agonizante e pelos braços vi chagas que pareciam queimaduras. Encontrei este diário no sótão. Depois que o li fui até o fundo do quintal, ao pé da castanheira, olhei o chão enegrecido, queimado, não me atrevi a desenterra-la. Não tive coragem de enfrentar aquilo! Sabia que precisava, não consegui. Os pesadelos começaram na semana seguinte e só pioraram. Sonhava que lutava contra a coisa, lhe cortava as cabeças coleantes com uma arma afiada, sempre tornavam a crescer e eu sempre morria no fim! Preciso pôr um fim naquilo, se algo me acontecer quero que outros saibam. Devo fazê-lo hoje, não sei se teria coragem de tentar novamente. A noite está sem lua. O terreno estava escuro, apenas a velha castanheira tinha folhas, elas estavam amareladas e faziam um barulho estranho quando agitadas pelo vento. O mato alto chegava aos joelhos. A luz da lanterna parecia um facho sobrenatural iluminando aquele quintal sepulcral. Não havia pássaros noturnos ali, nem mesmo insetos voavam, nem grilos ou mariposas, apenas o silêncio e a escuridão rondavam. O muro bloqueava a luz da única residência que ainda possuía moradores. Me aproximei da castanheira. Não havia marcas no tronco ou na terra próxima que identificasse o local onde a coisa estava enterrada, cavei. A madrugada fria me pegou sujo, cansado daquele trabalho infundável. A ironia suprema não estava ausente neste caso. Raramente vi sua participação tão voraz como naqueles acontecimentos que vivi. Terrível ironia trazê-la consigo para não vê-la destruída ou deixa-la cair em mãos fanáticas, isso acabou com nossa família. Tudo o que queria

salvar perdeu-se! Cavando ali estava fazendo o trabalho daquilo, estava retirando-o do seu esconderijo, estava trazendo-o para a luz. Era isso que aquilo queria!

Foi então que a pá bateu em alguma coisa metálica. Escavei ao redor. A caixa de ferro estava lá ainda! No fundo ao redor a terra estava úmida, podia ver na luz da lanterna, não toquei, mas sabia por intuição que aquilo era corrosivo. Era o líquido que saia daquilo e que havia contaminado tudo. Puxei a caixa pesada do buraco.

O cadeado estava enferrujado, a chave coube perfeitamente. Ia girar para abrir quando algo me parou. Será que devia abrir aquela caixa? O que havia ali dentro já custara tantas vidas! Será que o preço seria ainda maior? Será que valeria à pena? Sucumbi à tentação! Girei a chave, abri o cadeado! Abri a caixa. A coisa ainda estava viva! Viva após décadas presa ali dentro! Quando abri a caixa ela abriu os olhos, aqueles olhos serpentinos de uma malignidade absconsa! Era realmente ela! A cabeça imortal da Hidra de Lerna!





APRESENTAMOS O CONTO  
**EM UM GLOBO DE VIDRO**  
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record) face o conto *Como a Neve de Maio*. Contemplado nos concursos *Os Viajantes do Tempo* e *Os Três Melhores Contos*, ambos pela *Conexão Literatura*, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br).

**E**ra um desses globos de vidro que continham água — parecia água — e uma minúscula imitação de paisagem; no caso, uma paisagem europeia. Quando agitado, pequeninos flocos brancos imitavam neve e, devido a densidade do líquido, levava algum tempo até que todos os flocos terminassem de se depositar no "chão". Havia a representação de uma casa com chaminé, alguns pinheiros, montanhas ao fundo, porém, o que se destacava era um risonho boneco de neve diante de tudo o mais, a fitar quem quer que estivesse manuseando o objeto. Parecia dizer: "Olá! Agite-me".

Mas ninguém dava importância. Quando muito, causava arrepios.

Sabia-se lá quanto tempo encontrava-se encostado na prateleira da loja. Dez? Cem? Mil anos? Talvez uma eternidade inteira. Lógico, era apenas uma hipérbole... Ou será que não? Afinal, o antecessor dissera se chamar Kikujiro e afirmara descender de uma nobre estirpe samurai. Só de pensar nele, o sangue de Shimatsu fervia de ódio. Todavia, nada pudera fazer além de, impotente, observá-lo tomar sua família, enquanto tudo ao redor escurecia sob o pó do tempo e do esquecimento. Porém, ele não esqueceu. A loja em si era um misto de antiquário e brechó: uma minúscula entrada situada num dos inúmeros becos do famoso distrito da luz vermelha em Tóquio, Kabukichō. O dono era um velhinho de idade tão avançada quanto os livros ensebados que vendia. Devia ter sido criança no tempo de Shimatsu. O que teria presenciado durante o período da guerra? Shimatsu nunca soube. O homem era a mudez em pessoa. Apenas tratava de negócios, comprando e revendendo suas quinquilharias estagnadas no tempo, enquanto o mundo girava e a vida corria do lado de fora entre a correria, anúncios luminosos, *pachinko*, máquinas de refrigerante e *maid cafe*.

De certo modo, Shimatsu era grato pelo idoso nunca haver prestado maior atenção no globo de vidro e, principalmente, não ter formulado o desejo como ele próprio certa vez o fizera. Quanto tempo de liberdade Shimatsu poderia gozar após décadas de desesperador aprisionamento?

Enfim, as coisas melhoraram naquele beco escondido quando Fumio apareceu.

\*\*\*

Fumio era um jovem *salaryman*. Como milhões de outros, ocupava o cargo de baixo executivo. Trajava o inevitável terno preto como se fosse uma segunda pele. E portava sua valise para todo canto como se sua vida dependesse disso. Caminhava sempre apressado, abarrotado de serviço, fazendo inúmeras horas extras enquanto sonhava em galgar uma posição melhor dentro da empresa. Não raro, dormia no trem devido à exaustão. Certa feita, cochilara no banco da estação e, perdendo seu transporte, vira-se forçado a dormir num hotel cápsula para retornar ao serviço na manhã seguinte. Raramente estava presente ao lado da esposa e da filha adolescente e, quando se encontrava em casa, só pensava em dormir. Como forma de aliviar a tensão, embebedava-se com os colegas nos finais de semana ou distraía-se numa das casas de *pachinko*.

Mais recentemente, a convite de um desses colegas, passou a frequentar o Kabukichō à noite. Havia uma atmosfera de mistério e libertinagem no local que o atraiu. Talvez fossem as luzes coloridas, a escuridão não dissipada, os cartazes sugestivos, o silêncio inusitado dentro de uma das mais movimentadas cidades do mundo. Talvez fosse apenas a estafa aliada a necessidade de entretenimento, por mais hipócrita, sórdida e machista que pudesse soar tal desculpa.

Quando pagou uma hora inteira para estar com uma garota de programa, Fumio nunca imaginou o quanto isso iria mudar a sua vida. Não pela atuação da moça, bastante profissional, dedicada e convincente, mas pelo remorso que o consumiu em seguida ao pensar na esposa e na filha. Telefonou para casa e deu como desculpa da sua ausência o excesso de serviço, ao que a mulher respondeu compreensivamente como sempre fizera.

Para amenizar o fardo da culpa, no intervalo do almoço do dia seguinte, o *salaryman* retornou ao Kabukichō. Não para se divertir. Pretendia adquirir um presente para a esposa e a filha. Queria algo diferente, por isso, dentre as dezenas de vitrines pelas quais passou, sua atenção foi chamada para a da loja do velho. Diferente das outras não exibia bugigangas eletrônicas ou modernos cacarecos de plástico. Sua atenção foi imediatamente chamada para a bola de vidro. Era antiga, exótica, diferente. Havia uma película de poeira sobre o objeto e na prateleira em que se encontrava; indício de que ninguém se interessara por aquilo fazia tempo, sinal que poderia barganhar um bom preço. Entrou.

Para a filha, o executivo escolheu uma boneca de gesso trajando quimono, dentro de uma caixa de vidro. Não era um brinquedo, mas uma obra de arte. A boneca trazia um

guarda-chuva de papel oleado e ostentava um penteado requintado. Seus olhos brilhantes davam a impressão de estar viva.

Já a bola de vidro seria para a esposa. À primeira vista, dava a impressão de ser algo pouco significativa. Os detalhes em metal na base estavam cobertos pela pátina. Havia uma lasca aqui e ali. Não trazia nenhum indício do ano de produção ou do fabricante. O interesse residia por ser uma antiguidade e pelo cenário ocidental dentro dele. Para Fumio, era como se o globo encerrasse seu próprio universo, isolado no mundo exterior. Havia a casinha, as montanhas, os pinheiros, o boneco de neve e a neve de mentirinha. Era um mundinho tão em paz, imerso no silêncio, sem pressa de ir a parte alguma, sem metas a cumprir, sem broncas a levar, sem multidões apertando-se nos vagões. Transmitiu-lhe uma calma tão desesperadamente necessária que chegou a cogitar de comprá-lo para si. Mas não o fez. Seria para Fumiko, sua esposa. De qualquer modo, estando em casa, seria dele também.

— Vou levar — falou ao vendedor.

Não chegou a ouvir o suspiro de alívio do velho. Este deu um valor tão abaixo do que Fumio supunha girar o preço que nem fez questão de pechinchar.

Ao tocar o embrulho, foi tomado por um calafrio. Achou esquisito, porém, deu de ombros.

\*\*\*

Nesse dia, Fumio não fez horas extras. Inventou uma indisposição qualquer ao seu chefe. Queria rever a família mais cedo, dedicar-lhe algum tempo e fazer a surpresa dos presentes. Encontrou a esposa estabanada, cabelos em desalinho. Era a primeira vez que a via assim e isso só fez aumentar seu remorso. Certamente, ficara ocupada na limpeza da casa, como se não bastasse administrar as finanças.

— E Tatsue? — indagou Fumio sobre a filha.

— Fo-foi estudar com as amigas.

— Tudo bem, Fumiko?

— Cansaço. Só cansaço.

— Sei como é. Pare o que está fazendo. Veja, trouxe-lhe um presente.

Inicialmente, a esposa achou que fosse o embrulho maior, todavia, este era o da caixa de vidro com a boneca. Ao desembulhar o seu, esforçou-se ao máximo por ocultar o desapontamento. O que faria com aquela coisa horrorosa? Usar como peso de papel?

— Oh, marido, adorei!

Mais tarde, pouco antes do jantar, Tatsue, mais ocidentalizada, foi direta:

— O que vou fazer com isso? Esses olhos... É de dar medo!

— Pode deixar de enfeite em seu quarto — explicou Fumio.

— De jeito nenhum, pai! Terei pesadelos. Ficará na sala.

Não era bem o encontro familiar imaginado por Fumio. Havia um distanciamento involuntariamente cultivado de longa data na cultura japonesa fosse pelas convenções sociais ou pelas atribulações do serviço.

Mais tarde, na cama, Fumio até tentou um contato mais íntimo com Fumiko, porém, esta retrucou:

— Estou esgotada. Deixa para domingo.

Ele concordou, sentindo que havia pedido qualquer coisa banal à esposa em vez de convidá-la a fazer amor.

Ao avançar da noite, com tudo às escuras e a mulher ressonando profundamente, Fumio, sem conseguir adormecer, não obstante a fadiga, levantou-se e foi até a sala. Apanhou o globo de vidro — displicentemente colocado ao lado de um *bonsai* na janela — e pôs-se admirá-lo por várias horas, madrugada adentro. Havia algo estranho que não soube dizer o quê. Era uma espécie de desconforto como quando tinha a impressão de, sozinho, sentir-se vigiado.

Os pequenos pinheiros.

As montanhas ao fundo.

A casinha com a chaminé.

O bailar dos flocos de neve.

O boneco de neve e seu sorriso.

Sempre sorrindo, sorrindo, sorrindo.

\*\*\*

Foi no final do mês.

Fumio retornou para casa e encontrou a esposa mais uma vez em desalinho. A filha, Tatsue, segundo Fumiko, estava outra vez com as amigas, preparando-se para as provas.

Sem ânimo para conversar, estressado após uma bronca humilhante que levara do chefe diante dos outros *salaryman*, Fumio só quis ficar sozinho. Após o jantar, foi se sentar no degrau do fundo de casa, perto do jardim e pôs-se a bebericar saquê. Levou o globo de vidro consigo e concentrou-se no plácido universo em seu interior. A luz da lâmpada refratava dentro do globo numa profusão de amarelo. Chacoalhou e observou os flocos se agitarem. Enquanto caíam em delicado bailado, tomou mais um gole do aguardente. Farto de tudo em seu próprio mundo, sussurrou:

— Parece tão tranquilo aí dentro, Sr. Boneco de Neve. Eu gostaria de estar em seu lugar.

Então, aconteceu.

Tudo começou a rodopiar ao redor do *salaryman*. Ficou zozzo, tragado por um redemoinho de luzes e sombras sem fim. Não conseguia mais respirar. Não sentia seus braços. A visão turva pouco a pouco se estabilizou. Porém, tudo estava diferente, nebuloso, distorcido e tão gigantesco como se o seu tamanho tivesse se reduzido ao de um besouro. O mais apavorante foi o que viu diante de si, ocupando quase todo o campo de visão: um rosto gigantesco, eufórico, deformado pela refração.

Era o seu próprio rosto do lado de fora do globo de vidro.

Quis gritar e não conseguiu. Tentou respirar e não teve sucesso. Mas também não sufocou, ou melhor, não se afogou. Pois o jovem executivo agora se encontrava no interior da esfera, na forma de uma pequena imitação de boneco de neve.

Como?

Ficou aflito.

Não se moveu.

A gigantesca cabeça de Fumio regozijou-se:

— Ah! Viva! Quanto tempo não esperei por isso! Ar... O AR! Posso respirar. E o vento no rosto. Por Buda, que maravilha! Posso falar, assoprar, cuspir outra vez. — Apalpou-se. — Este corpo é um bom corpo. Um tanto judiado pela vida, má alimentação, nervoso no trabalho, fumaça, barulho, multidão, ainda assim, aproveitável. Na verdade, perfeito!

A cabeça grotesca se aproximou ainda mais do vidro. Encarou o bonequinho de neve.

— Obrigado, Fumio! Oh, como sei seu nome? — O rosto gigante riu. — Fiquei sabendo de muitas coisas que ocorreram em sua casa desde que colocou esta bolha lá dentro. Primeiramente, devo começar sobre o que houve comigo e, agora, com você. Não é uma boa história, então, é melhor se sentar. — Riu de novo. - Oba, saquê! Finalmente, um gole de saquê...

\*\*\*

*Meu nome é Shimatsu. Fui um soldado no início da guerra. Particpei de algumas batalhas e breve percebi que aquilo não era para mim. Não compartilhava com meus companheiros orgulho algum por participar dos massacres. Enquanto civil, estudara biologia. Não era santo, mas amava a diversidade da vida e a vida em si. A guerra destruiu o que de bom havia em mim.*

*Certo dia, durante uma breve licença, entrei em um bar e avistei o globo de vidro entre garrafas de saquê, shochu e umeshu. Achei interessante e perguntei ao dono se estaria interessado em vender para mim. Ele choramingou que era herança da avó. Mas não foi difícil convencê-lo após umas propostas e ameaça de alistamento.*

*Como acabou de acontecer com você, em dado momento, saturado do conflito e diante da expectativa de retornar ao front, desejei estar no lugar do boneco de neve. A troca aconteceu imediatamente e ocupei o lugar de um tal de Kikujiro — Miserável seja! —, que dizia ter nascido no Período Edo e ser de família samurai. Ele tomou meu corpo e minha família. Dentro da esfera, fui obrigado a assistir o desgraçado possuir minha esposa, abraçar meus filhos, desfrutar meus pertences e rir para mim. Nada pude fazer além de amaldiçoá-lo cada segundo durante todas as décadas que se seguiram.*

*A guerra prosseguiu e, até onde sei, meu corpo — e Kikujiro — foi destruído por uma granada. Minha esposa enlutada se livrou desta coisa, vendendo-a numa casa de penhores. Se ao menos ela tivesse intuído que eu me encontrava, literalmente, em suas mãos! Acho que foi melhor assim, senão teria ciência de outras coisas e, desonrada, cometeria suicídio.*

*As bombas atômicas caíram.*

*Suportou-se o insuportável.*

*Tolerou-se o intolerável.*

*O mundo prosseguiu.*

*O globo mudou de dono algumas vezes e de minha família nunca mais tive notícias. Finalmente, doze anos atrás, fui parar na loja do idoso em Kabukichō. Bem poderia ter sido há cem, mil, um milhão de anos. E naquele beco aguardei e aguardei numa agonia insuportável, intolerável e interminável até você aparecer.*

*Qual a origem da esfera de vidro? Obra de um discípulo do Mal ou do próprio demônio? Quem pode dizer? Tive muito tempo para refletir e não cheguei a parte alguma. Quando você leva uma martelada no dedo, preocupa-se em saber a origem do metal de que é feito o martelo? Apenas existe. Azar de quem pronunciar o desejo. Só rezei a Buda para que não fosse o velho a fazê-lo. Ou uma mulher! Você, se não foi o ideal, foi a melhor opção que eu poderia ter tido.*

*Não devia ser tão cruel em dizê-lo, porém, se remói minha angustia, é justo que você o faça. Ao menos terá no que pensar até o dia em que outro infeliz assumir a sua posição.*

*Como dizem, você é um salaryman. Vive para trabalhar e trabalha para morrer. Estúpido! Devia ter devotado sua vida à família e não ao seu chefe ou à empresa. Jura que nunca desconfiou? De fato, só enxerga o serviço diante dos olhos.*

*Ah, baka, se soubesse o que sua Tatsue faz com o namorado, enquanto sua esposa ocupa-se com as compras... No meu tempo, até as meretrizes enrubesceriam.*

*E quanto a sua mulher, você tem ideia por que ultimamente ela andou desleixada e atrapalhada? Ela tem um amante, imbecil! Enquanto você rasteja entre documentos, telefonemas e máquinas, sua esposa geme, solta gritinhos e se contorce debaixo de um gaijin. Sim, senhor, um gaijin!*

*Mas pode deixar, Fumio. Abandonarei o serviço na empresa. Arranjarei outra coisa que possibilite mais tempo de sobra. Talvez até em Kabukichō. Afinal, se sobrevivi à guerra, o que mais haverá para eu temer?*

*Como um favor, pode deixar que darei um jeito no amante de sua... de minha esposa. Desfrutarei do corpo dela de tal maneira que não desejará saber de outro homem. Afinal, foram décadas de torturante espera desde a guerra. Tenho muita libido por saciar.*

*Quanto a Tatsue, saberá o que é uma boa surra a moda antiga.*

*Por fim, quanto a você, Fumio, retornará para a loja do velhinho. Venderei o globo de vidro a um preço bem inferior ao que foi pago. Ele não terá o porquê recusar. Comprarei algo de que Fumiko realmente goste. Ah, não sabia? Ela odiou esta porcaria. Você permanecerá lá, aguardando, implorando, rezando por um comprador. Poderá ser amanhã,*

*na semana seguinte, no outro mês, daqui a um ano... Ou no próximo milênio. Quem poderá dizer? Além disso, dependerá do malfadado desejo que ambos fizemos. Reze para que a esfera nunca seja arrebatada, pois, nesse caso, receio que vagará para sempre no limbo.*

*Por enquanto, vou levá-lo para o quarto, para que observe e aprenda.*

*Mostrar-lhe-ei o que o gaijin fez a ela e o que ela fez ao gaijin.*

*Pensando bem, o corpinho de Tatsue não é nada mau...*

*Sim, Fumio, SIM! Odeie-me conforme detestei Kikujiro. É a única coisa que lhe resta em meio ao horror. É a única coisa que preservará sua sanidade até o momento da libertação... Se esse dia vier.*

\*\*\*

Tóquio.

Kabukichō.

Início da noite.

Num beco sórdido.

Distrito da luz vermelha.

Várias pessoas percorriam as ruelas de lá para cá: caladas, sorrateiras, desconfiadas. Estavam somente de passagem ou procuravam por uma diversão furtiva. Passavam através de bares, restaurantes, anúncios de néon, lanternas de papel, máquinas de refrigerante, casas de *pachinko*, risonhas *maid cafe* e lojinhas de todos os tipos. Vislumbravam um corpo quente, uma pele branca, uma boca macia e risadinhas *burikko*.

Entre as lojinhas, havia uma cujo aspecto permanecera inalterado desde a reconstrução no pós-guerra. Vendia de tudo um pouco, principalmente antiguidades, roupas usadas, alfarrábios, quinquilharias.

Numa de suas prateleiras empoeiradas, num cantinho muito pouco iluminado, quase às escuras, jazia um globo de vidro. Era um desses que continham água — parecia água — e uma minúscula imitação de paisagem; no caso, uma paisagem europeia. Quando era agitado, pequeninos flocos brancos imitavam neve e, devido a densidade do líquido, levava algum tempo até que todos os flocos terminassem de se depositar no "chão". Havia a representação de uma casa com chaminé, alguns pinheiros, montanhas ao fundo, porém,

o que se destacava era um boneco de neve diante de tudo o mais, a fitar quem quer que estivesse caminhando através do beco. Sorria, sorria e sorria. Contudo, em seu âmago e em sua alma, tudo o que restava era um grito mudo e ininterrupto de desespero:

"Compre-me, seu maldito, compre-me!"

\*\*\*

### NOTA DO AUTOR:

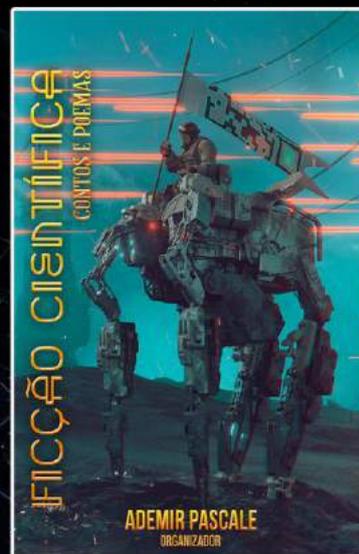
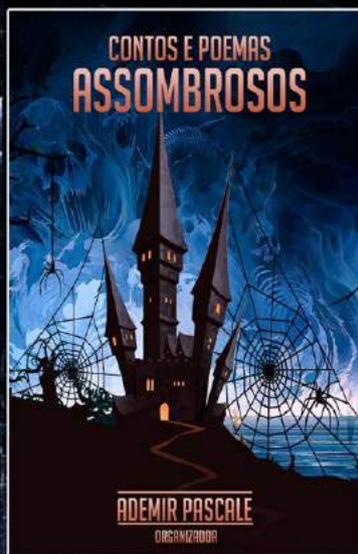
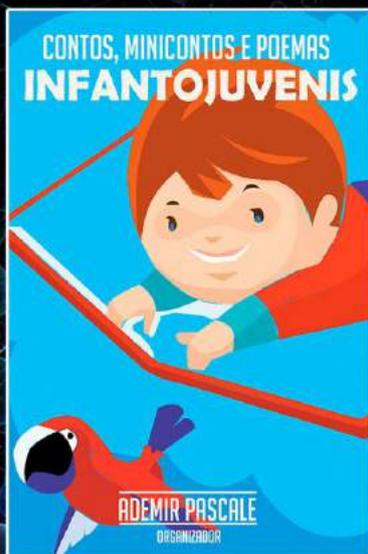
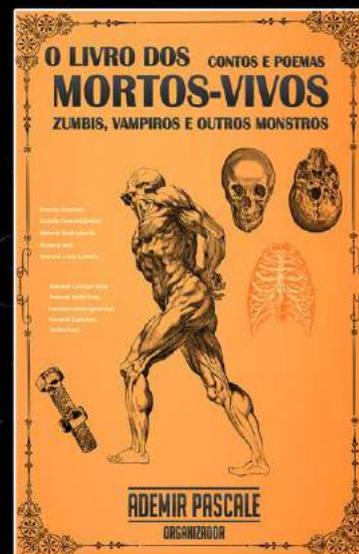
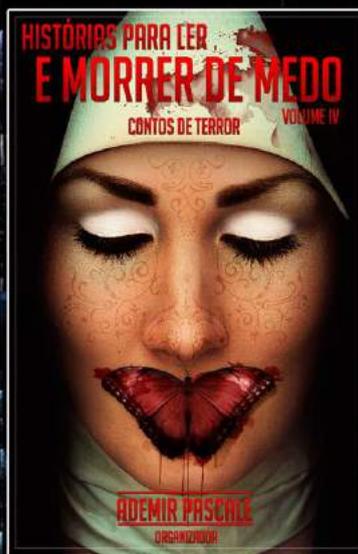
Estou com a incômoda sensação de que já vi ou li o cerne deste conto em algum lugar: filme, seriado, livro ou gibi. Parece coisa de *Além da Imaginação*<sup>1</sup>. Francamente, não me recordo neste momento. Quando me lembro, procuro mencionar numa "nota do autor" como esta. Todavia, não é o caso. Seja como for, deixo esta anotação, afinal, vivemos em um mundo no qual há pessoas que adoram apontar o dedo... Não obstante, se alguém em boa-fé souber de algo do gênero e puder me informar através de e-mail, antecipo o meu obrigado. Kikujiro e Tatsue são os nomes dos pais de minha avó materna, Sueko, cujo sobrenome de solteira era Fujiwara. Shimatsu era o nome do pai de meu avô paterno, Suminori Shima. Ainda que exista o nome Fumio, retirei o de minha personagem de Shimafumio Sato, irmão de minha avó paterna, Fuji Shima. O nome Fumiko apanhei na Internet. Quanto ao Kabukichō e *maid cafe*, tomei conhecimento há pouco tempo, através de vídeos no *Youtube*.

---

<sup>1</sup> *The Twilight Zone*, 1959-1964, criado por Rod Serling.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**